

A Defesa Nacional

ASSUMPTOS MILITARES

(XV - Jan. - Fev. - 169 - 170)

(1928)

EDITORIAL

A ultima lição

ESTA pagina guarda ha quatorze annos o caracter de pagina doutrinaria. Por ella discute "A Defesa Nacional" o seu programma; exprime os seus desejos; invoca o interesse pelas nossas cousas militares e clama e pede e insiste, com sobriedade, i m p e r s o n a l i s m o, o desejo de escapar a si mesma, que a distinguem entre as boas fontes da nossa imprensa.

Por isso não cabe, aqui, nenhum elogio pessoal. Nada que reflita o homem pelo homem, tem aqui guarida; apenas a obra, naquillo que ella tem de geral, pôde, como estímulo, incentivo ou exemplo, constituir assumpto de sua preocupação.

Assim, só Olavo Bilac — morto — figura nella. Morto o homem o elogio projecta apenas a obra. E Bilac o merecia.

Essa razão explica a nossa attitudo hoje. O nome do Cel. Derougemont (que se retirou definitivamente, talvez, de entre nós), não apparece aqui como homenagem de amigos — cujas tribunas devem ser outras, mas como o desejo de ressaltar uma obra, de indicar um exemplo, de sublinhar, ainda uma vez, o trabalho intelligente — preocupação da nossa existencia educatiua cuja synthese se poderia talvez fazer, dizendo — critica p'ra construir, combate o erro, estimula as obras, indifferente aos momentos e aos homens.

Oito annos viveu entre nós.

Aprendeu o portuguez desde logo e em todas as suas

lições não teve outra lingua. Amou o Brasil — como um honesto. Quiz que da sua experiencia e do seu trabalho houvesse fructos, e foi por isso constante. Tinha convicção do seu saber e foi recto. Não cedia ás fraquezas do

meio, nem ás conveniencias de sua amisade — foi um homem de caracter. Deu, assim, de si uma apparencia rude, mas sincera. Todos nós, os discipulos, o respeitavamos, mas não nos acercavamos d'elle. Viveu entre nós querido, e isolado; foi entretanto um fascinante. Attrahia-nos a sua personalidade e não o seu coração. E assim vivemos impregnados das suas doutrinas, do seu exemplo e do desejo de corresponder aquelle apelo imponderavel mas sentido, que emanava d'elle. Fez adeptos. Contagiou de seu espirito (não de sua personalidade que é forte demais para ser passivel de imitação), oito turmas de officiaes. E foi respeitado e ouvido.

Sua obra não teve intervallos. Produziu 412 conferencias; dirigiu durante oito annos o jogo da guerra de Tactica Geral; corrigiu em 8 annos os trabalhos escritos na Escola; organisou manobras annuaes; themas em sala; themas em domicilio, etc., etc.

Obra volumosa, mas sobretudo obra util. Educou o nosso methodo de raciocinio; habituou-nos ao impersonalismo nas acções, a comprehensão da obra collectiva sem a qual não ha Estado Maior, ou, seja, não ha disciplina mental — orientação de commando.

Espalhou pelas suas lições a sabedoria de toda a sua experiencia e nunca foi aváro nem artificial. Desejava ensinar e o sabia fazer. Deu do seu tempo, das suas folgas, das



Cel. Derougemont

suas preocupações a parte mais util aos seus deveres de professor. E assim amou o Brasil com o *amor pratico dos que são sinceros e espontaneos*. Nunca regateou uma oportunidade para ensinar, para transmittir o que sabia, para avisar de um erro, suggerir uma medida e dar, enfim, o seu conselho, o seu trabalho, o seu amor — pois só o amor gera o interesse continuado.

E influiu entre nós como um valor de medida, de uniformidade, de homogenização, criando uma maneira comum de ver as questões, de comprehender a doutrina, de sentir os problemas.

E fez mais. Mostrou-nos o quanto vale a *vontade bem educada*.

Essa alma recta, aspera e incomprehensivel á primeira vista, não era senão a criação artificial de uma educação. Para ser justo; para ser conforme ás cousas e as necessidades — uma linha recta.

No entanto, quanto de estranho havia nessa attitude propria, fruto da sua convicção, mas não de sua alma accessivel ás affeições mais sinceras e penetrantes! E foi-nos dado revela-lo assim, enternecido, simples, cheio de emoção, bom, no dia da inauguração do seu retrado na Escola de Estado Maior — preludio da sua despedida do Brasil — a terra a que elle offereceu um bocado da sua vida: "O pericdo mais interessante da minha existencia", como nos disse então.

Surpresa e lição. Surpresa pelo imprevisto. Oito annos de contacto nunca o revelaram assim; no entanto ali o tinhamos sinceramente triste, fraco ao carinho daquelle festa, cuja homenagem lhe cabia — tão singela para a sua obra, mas tão verdadeira nos seus fins, que elle não soube resistir e foi vencido. E então, deixou-se ficar, entre os que o cercavam, — qual um velho camarada, desafogado, enfim, aberto seu coração *que a educação e a necessidade* esconderam nesses oito annos de chefe e de professor.

Eis ahi a lição. *Ser bom não é ser fraco. Coração e razão podem viver unidos a toda a hora e em todo logar quando necessario. E elle nunca sentiu necessidade senão de ter consciencia do dever e não cedeu.* Na hora propicia; na hora da amisade, o coração se denuncia, largo, franco, espontaneo, como se quizesse legar, ainda, aos que o cercavam, esta lição de sabedoria e verdade:

Não és mais santo porque te louvam, nem peor porque te vituperam. A gloria dos bons está na sua consciencia e não na bocca dos homens".

NOTAS BIOGRAPHICAS

- Nascido a 1.º de Outubro de 1880.
- Entrado em Outubro de 1898 na Escola Militar de St.-Cyr.
- Promovido, a 1.º de Outubro de 1900, a 2.º Tenente no 5.º Bat. de Caçadores.
- Promovido, a 1.º de Outubro de 1902, a 1.º Tenente no mesmo corpo, onde serviu até 1907.
- Entrado, a 1.º de Novembro de 1907, na Escola Superior de Guerra.
- Sahido, em Outubro, de 1909, da referida Escola com o curso de E. M. (menção muito bem).
- Fez, de Novembro de 1909 a Novembro de 1910, o curso dos Allos Estudos Militares (annexo á Escola Superior de Guerra).
- Promovido a Capitão, por merecimento, a 29 de Dezembro de 1910.
- De Dezembro de 1910 a Outubro de 1911: E. M. do 18.º Corpo do Exercito.
- De Novembro de 1911 a Novembro de 1913: commandante do Grupo de Caçadores Cyclistas da 4.ª D. C.
- De Dezembro de 1913 a Outubro de 1914: Estado Maior do Exercito (2.ª Secção e S. I.).
- De Outubro de 1914 a Setembro de 1916: G. Q. G.: 2.ª Secção, depois 3.ª Secção dos T. O. E. (Theatros de Operações Exteriores).
- Promovido a Major por merecimento a 26 de Junho de 1916.
- De Setembro de 1916 a Janeiro de 1917: Agente de ligação do comte. em chefe francez junto ao comte. em chefe dos Exercitos alliados em Salonica.

- De Janeiro a Maio de 1917: chefe da Secção dos T. O. E. no G. Q. G.
- Maio-Junho 1917: Estagiario no 106.º Bat. de Caçadores.
- Junho-Dezembro 1917: Commandante do 3.º Bat. de Caçadores.
- Dezembro de 1917-Novembro de 1919: Estado Maior do Exercito (Grupo da frente).
- Novembro de 1919: Partida para o Brasil.
- 29 de Junho de 1926: Promovido a Tenente Coronel por merecimento.

CONDECORAÇÕES

Cavalleiro da Legião de Honra.
Cruz de guerra.
Medalha commemorativa franceza.
Medalha commemorativa interalliada.
Ordem inglesa dos Serviços Distinguidos (D. S. O.).
Official do Imperio Britannico (O. B. E.).
Official da Corôa da Belgica.
Official da Corôa da Italia.
Official da Corôa da Rumania.
Ordem servia da Aguiá Branca.
Ordem russa de Santa Anna.
Official do Sol Nascente (Japonez).

OPINIÕES ALHEIAS SOBRE O SORTEIO

De um official estrangeiro que viveu entre nós

"E' mister collocar as juntas sob o contrôlle da autoridade militar pois os funcionarios civis que as presidem são os primeiros a cometer incorrecções omitindo, deliberadamente, nas listas os nomes de inscriptos que elles têm interesse não ingressem no Exercito. Este interesse se explica por uma razão politica já que a incorporação do reservista diminue os eleitores indispensaveis para o triumpho do candidato, vinculado, muitas vezes, com o funcionario que preside a Junta.

"Ha duas formas de evitar que isso succeda:

- dar o contrôlle das juntas ás autoridades militares;
- fazer obrigatoria a apresentação do attestado de alistamento para exercitar o direito de sufragio como se faz em outros paizes.

"Esta ultima modificação poria ao serviço da lei um elemento de apoio consideravel representado pelos politicos que em cada circumscripção de recrutamento seriam os primeiros a obrigar aos futuros eleitores a inscrever-se.

"Porém, a modificação mais importante consiste em não entregar como se faz, actualmente, a chefia das circumscripções de recrutamento, a officiaes reformados, incapazes pela sua idade e condições de vigor physico e mental de desempenhar estes importantissimos postos com as energias, prestigio moral e capacidade que requerem suas difficeis funções.

"Como as influencias politicas são as primeiras que se fazem sentir com o fim de violar a lei ao serviço de interesses pessoaes, o official reformado, sem grande enthusiasmos pelo Exercito, parcamente remunerado, vencido pela fadiga e ansioso de tranquillidade espiritual e material, não tem a independencia nem energias para lutar contra correntes poderosas que acabam por vencel-o, sob a ameaça de alijal-o de uma collocação conseguida a força de desgostos — como meio de passar tranquilamente os ultimos dias de vida militar sem luctas nem mortificações de nenhuma especie."

E synthetizando as ideias que discute diz o articulista: "Repetindo nossas ideias podemos synthetisar as modificações mais importantes desta forma:

- a) Reforma organica: Transformação das actuaes juntas de alistamento e de sorteo.
- b) Reforma juridica: Supressão do recurso de habeas-corpus ao Supremo Tribunal e diminuição das excepções do serviço.
- c) Reforma politica: Fazer obrigatoria a apresentação do attestado de alistamento para qualquer cargo publico para o direito de eleger e ser eleito."

Notas sobre a Instrução no Quadro do Regimento de Cavallaria

Pelo **Major Collin**

DA M. M. F.

INICIAMOS hoje uma serie de artigos sob o titulo acima para os quais pedimos a attenção dos leitores de "A Defesa Nacional" especialmente a dos officiaes de cavallaria.

E' um trabalho methodico, intelligentemente elaborado pelo acatado professor de nossa E. P. C., o Sr. Major Collin, da M. M. F. e que vem oportunamente dar uma demonstração pratica de como se pode e deve organizar a instrução nos R. C., de accordo com os principios instituidos no R. I. L. T. E' um exemplo, apenas, a ser adaptado a cada caso. Preenche, assim, indubitavelmente, este trabalho, uma lacuna porquanto é sensível não estar terminada ainda em toda parte a transição dos velhos moldes do R. I. S. G. para os processos e methodos novos preconizados pelo R. I. Q. O. Com um tal caracter serve a todas as armas se bem que traçado especialmente para o caso da cavallaria.

Pensamos d'ess'arte contribuir efficaz e oportunamente para nosso verdadeiro renascimento militar que bem se delinea já, offerecendo a todos e especialmente aos cavallerianos, uma arma de verdadeiro promogresso. Agradecemos, pois, ao Sr. Major Collin, mais este valioso serviço prestado ao nossa país, que já lhe deve o exemplo vivo que é da tenacidade e amor ao trabalho tão fartamente patenteado na E. P. C., donde irradiado para todo Exército a admiração e sympathia que cercam seu nome. E isso nos dispensa de uma melhor e mais minuciosa apresentação.

INSTRUÇÃO DA TROPA

A Cavallaria é uma arma especial devendo attender a necessidades particulares.

Do estudo que fizemos das missões da cavallaria, verificamos que essa arma tem características próprias que determinam o seu emprego.

Para actuar como verdadeira cavallaria, isto é, de accordo com as suas qualidades características deve poder:

- cumprir suas missões de reconhecimento e cobertura;
- constituir uma reserva movel de fogos, podendo intervir com efficacia na batalha, offensiva ou defensiva;
- intervir na perseguição depois da batalha.

A Cavallaria é a unica arma que pode, efficazmente, cumprir essas missões.
Seu cumprimento exige:

— **MOBILIDADE**, isto é:

rapidez de acção, decorrente:

- a) — da rapidez de decisão do chefe em todos os escalões;
- b) — da rapidez de movimento e de execução da tropa;
- c) — da boa organização das ligações e da rapidez das transmissões;

— **FLEXIBILIDADE**, isto é:

— aptidão para amoldar, instantaneamente, as formações ao terreno e ás circumstancias, permitindo o movimento a cavallo a despeito dos fogos;

— aptidão para guardar e tomar o contacto.

Mas, o factor "potencia de fogo" impedindo ou dificultando toda a progressão nos terrenos batidos, a Cavallaria só poderá agir pelo choque nos casos particularmente favoraveis, encarados pelo regulamento.

Este mesmo fogo lhe dá, contudo, o meio para desobrigar-se do cumprimento das suas missões, pois quando a pé:

— sendo menos vulneravel, pode continuar o movimento no sentido da missão recebida;

— pode agir offensivamente pelo fogo, permanecendo prompta para refomar, rapidamente, o movimento a cavallo;

— possui uma certa capacidade de resistencia.

CONCLUSÕES RELATIVAS AO OBJECTIVO DA INSTRUÇÃO DA TROPA

A razão de ser da Cavallaria é a aptidão para o movimento sendo o termo "movimento" comprehendido como acabamos de defini-lo.

Não basta á Cavallaria se deslocar a cavallo e saber combater pelo fogo, — características essas de uma simples infantaria montada.

As suas missões de reconhecimento e cobertura, as suas intervenções rapidas no campo de batalha exigem não uma simples aptidão para o movimento, mas sim:

— **Do homem e dos quadros** — qualidades particulares (physicas, equestres, intellectuaes e moraes) cada vez mais aprimoradas, pois o aumento da potencia do fogo inimigo, supprimindo as formações de ordem unida, dá mais importancia á personalidade physica, intellectual e moral de cada um;

— **Das unidades** — se se quiser conceder á Cavallaria a sua razão de existir, qualidades manobreras desenvolvidas, isto é: o movimento a cavallo em qualquer terreno e sob o fogo, o mais longe possível, e, além disso, a passagem rapida do movimento a cavallo ao movimento a pé e reciprocamente.

A instrução deve ser, pois, conduzida de modo a desenvolver essas qualidades.

Não podem ser obtidas senão pela pratica de uma equitação esportiva, baseada na execução frequente de percursos rapidos em terreno variado e de exercicios de serviço em campanha.

A equitação, assim encarada, desenvolverá:

- No homem — a destreza a cavallo em todos os terrenos e em todas as andaduras, criando a possibilidade do movimento sob o fogo, a decisão, a audácia, o gosto pelo perigo;
- Na tropa — as qualidades manobreras das unidades.

O Serviço de campanha dará:

- Aos homens e quadros — o espirito de iniciativa e de decisão;
- A tropa — a rapidez de execução e a flexibilidade.

Além disso, o modo normal de acção da Cavallaria sendo o combate pelo fogo, essa arma, depois de ter apeado, emprega os mesmos processos de combate da Infantaria.

O emprêgo das armas e destes processos, devem ser perfeitamente conhecidos e o homem que acabamos de vêr cavalleiro perfeito, deve ser, também, um excellent infante.

Para resumir: Equitação, indissolavelmente ligada ao Serviço de campanha, e Tiro, constituem a base da instrução do cavalleiro.

As necessidades do combate moderno tendo aumentado o número e a importancia das especialidades, a criação de bons especialistas tornou-se na Cavallaria, assim como nas outras armas, uma questão primordial.

A criação desses especialistas e a sua perfeita instrução impõem-se tanto mais, quanto as especialidades têm por fim:

- Dar á acção uma rapidez maior (pessoal de observação e de transmissão);;
- Dar ao fogo maior potencia e rendimento (metralhadoras, F/M, granadeiros).

Emfim, o combate a cavallo continuando possível para as pequenas unidades, a instrução deve também preparar a tropa para essa eventualidade.

Além disso, é um meio de poder a Cavallaria assegurar o seu espirito offensivo.

Resumindo: A instrução da tropa deve ter por fim:

- Fazer cavalleiros vigorosos, resistentes e perfeitos executantes de todas as missões individuaes que lhes incumbam;
- Fazer, também, excellentes infantes, exímios e adestrados no tiro, no ataque, na organização, occupação e defesa do terreno;
- Uns e outros fartamente educados physica, moral e disciplinarmente;
- Criar unidades flexiveis, manobreras, disciplinadas, aptas, emfim, para todas as missões a cavallo ou a pé que lhes possam incumbir.

Para isso se realizar é que a instrução comprehende diferentes partes:

- uma instrução militar;
- uma educação physica;
- uma educação moral;
- uma educação disciplinar.

Assim como a disciplina é a base do edificio militar, a educação moral é a base da instrução.

Instrução militar, educação moral e disciplina são, pois, preocupações concomitantes e de todo o momento. E' preciso o maximo de esforços para bem realizar os objectivos acima definidos.

Veremos como dirigir estes esforços, mas, de antemão, devemos dizer que nenhum processo de instrução, por mais engenhoso e intuitivo que seja, dará resultados se o instructor não estiver convencido:

- 1.º—Da grandeza, do alcance e da belleza de sua missão;
- 2.º—Da obrigação em que se acha de dar o exemplo sob qualquer aspecto.

DIFFICULDADES ENCONTRADAS NA INSTRUÇÃO DA TROPA

As conclusões que acabamos de tirar, mostram que a instrução a dar á tropa é muito vasta.

E' essa a primeira difficuldade, dada a curta duração do serviço militar.

Outra difficuldade reside na fraqueza e na irregularidade dos effectivos.

Além disso, os serviços de quartel e de guarnição, pedindo sempre muitos homens, reduzem, consideravelmente, o tempo que deveria ser consagrado á instrução.

Embora haja outras, são, contudo, essas as principaes difficuldades encontradas.

Mas, o problema, ainda que sendo algumas vezes difficil, tem solução.

COMO COMPREHENDER A INSTRUÇÃO DA TROPA

A) O PROGRAMMA:

A instrução sendo muito vasta, o tempo de que se dispõe sendo reduzido, é necessario, se quisermos alcançar o fim acima fixado, raciocinar cuidadosamente antes de estabelecer um programma de instrução.

Ora, é evidente que, uma vez os homens bem ao par dos papeis que têm de desempenhar no quadro do grupo a cavallo e do grupo de combate, poucos exercicios de conjunto serão sufficientes para obtermos unidades flexiveis, isto é, coordenação perfeita da acção dos differentes grupos.

Além disso, a manobra é, sobretudo, uma questão de quadros.

Com uma tropa possuindo uma solida instrução individual, serão elles, pelas decisões que tomam (escolha do caminhamento, da formação, escolha e momento do lance, etc....) e pelas ordens que dão, que prepararão a boa manobra.

Disso resulta a dupla necessidade: — Solida instrução individual para os cavalleiros e uma instrução pratica bem desenvolvida dos quadros.

Na instrução da tropa devemos, pois, cuidar particularmente de tudo que diz respeito á instrução individual e á instrução do grupo.

Disso resulta:

I — A divisão do programma de instrução em duas partes:

1.º—Instrução individual e do grupo, abrangendo:

- a) a instrução dos cavalleiros que só fazem um anno de serviço;
- b) a instrução dos cavalleiros que fazem mais de um anno de serviço;
- c) a instrução dos especialistas.

2.º—Instrução de conjunto:

II—A necessidade, qualquer que seja o período de instrução, de voltar-se, frequentemente, á instrução individual, embora ella constitua o objectivo principal e de maiores esforços no primeiro período de instrução.

O programma minucioso de cada uma dessas partes da instrução será dado nos annexos deste estudo.

B) O METHODO:

O methodo deve satisfazer ás necessidades da Instrução, quaesquer que sejam:

- a)—as condições de existencia do Exercito (recrutamento, organização, duração do serviço militar, composição dos quadros, etc.);
- b)—as difficuldades do momento (fraqueza e irregularidade dos effectivos, etc.).

Antes de procurar a solução do problema no methodo a seguir, convem notar que as difficuldades da propria instrução impõem a necessidade de aperfeiçoar, cada dia, o pessoal e os meios utilizados para ministrá-la.

Sob o ponto de vista do commando, lembro que o *Coronel é o instructor do seu regimento*.

Dá a instrução aos seus quadros, dirige-os e fiscaliza-os.

Estabelece o programma de instrução do regimento, segue o seu desenvolvimento, exigindo que os assumptos mais importantes desse programma sejam objecto dos maiores desvelos.

Sob o ponto de vista dos quadros, é claro que devem estar perfeitamente preparados para o papel de instructores, e ainda aqui cabe ao Coronel aperfeiçoar essa preparação.

Sob o ponto de vista dos cavallos, a necessidade de tê-los perfeitamente amestrados para a instrução de recrutas, exige dos commandantes de esquadrão a obrigação de dirigir e fiscalizar, meticolosamente, o adestramento, empregando para isso os officiaes e sargentos das suas unidades.

Sob o ponto de vista dos meios materiaes, concebe-se, facilmente, que a instrução tornar-se-á tanto mais rapida, quanto maiores forem esses meios: — picadeiros, pista de obstaculos, campos de tiro, terrenos de manobras. munições de exercicios e material de instrução.

Isso estabelecido, procuremos no methodo a seguir outras soluções do problema.

Acabamos de vêr que os methodos de instrução devem attender á necessidade de adestrar o soldado, os quadros subalternos e as unidades, num minimo de tempo (um anno).

Isso significa, que nesse minimo de tempo:

- 1.º—Homens e quadros devem ficar promptos para cumprirem seus papeis dentro do grupo a cavallo e do grupo de combate, e, tambem, para desempenhar as missões individuaes que lhes possam caber em campanha;
- 2.º—As unidades devem possuir:
 - a mobilidade, flexibilidade e cohesão necessarias para o cumprimento das missões mistas a cavallo e a pé, que tenham de desempenhar em campanha,

Dáí resulta que a instrução deve o mais cedo possível:

- Dar ao soldado a noção do emprêgo das suas armas na luta (cavallo inclusive);
- Criar e desenvolver, no homem e nos quadros, as qualidades intellectuaes e physicas e os reflexos necessarios no combate;
- Fazer agir o homem na collectividade e em proveito della;
- Ligar, estreitamente, acção a cavallo e acção a pé.

D'aí resulta, tambem, que a instrução deve ser, materialmente, ministrada (accleração de certas partes da instrução, organização judiciosa das sessões de instrução), de modo a tornar mais rapido o adestramento dos cavalleiros e das unidades.

O methodo deve, por conseguinte:

- 1.º—Afastar, no inicio da instrução, tudo que não sirva directamente ao combate e não attenda senão a necessidades do tempo de paz ou a objectivos secundarios.

Outr'ora, os recrutas, durante numerosas semanas, não trabalhavam senão na ordem unida e segundo ordens precisas dos seus chefes.

Depois de ter, assim, destruido a vontade e a iniciativa, sob o pretexto de criar a disciplina, passava-se ao estudo do combate e do serviço de campanha, exercicios em que se exigia o emprego dessas qualidades.

Além disso, estes exercicios não eram, na maioria dos casos, senão a continuação dos processos da ordem unida: os executantes não collocados em face de problemas precisos, continuavam a obedecer ás ordens dos seus chefes, em vez de fazerem trabalhar o seu raciocinio e os seus reflexos.

Este methodo — que não correspondendo agora á grande articulação das formações de aproximação e de combate, e ao afastamento, muitas vezes consideravel, dos homens no grupo (a cavallo e a pé) — tinha, como consequencia immediata, uma perda de tempo consideravel e tornava a instrução muito lenta.

Hoje, ao contrario, é necessario principiar, sem demora, a instrução de tudo que é directamente util no combate, conduzindo-a, parallelamente, com a educação equestre e physica.

Importa, pois, reduzir ao minimo todos os exercicios de ordem unida e de manejo d'armas, não lhes consagrando sessões especiaes, mas, só curtos instantes, durante os quaes exigir-se-á sempre uma execução impecavel.

As numerosas horas, assim recuperadas, poderão ser utilmente consagradas á instrução de combate e á instrução physica.

Os conhecimentos necessarios ao combate, foram classificados numa ordem logica pelo regulamento, indo do simples ao complexo.

O regulamento, entretanto, não pretende impôr, com isso, á instrução uma progressão correspondente a essas divisões.

Por exemplo: não é necessario que a tropa seja, de antemão, disciplinada pela ordem unida, para manobrar em ordem dispersa. A instrução no campo, comporta a sua disciplina particular e deve ser iniciada ao mesmo tempo que a da praça de exercicios ou de picadeiro.

Do mesmo modo, convém dar a noção importante de direcção antes da do alinhamento, que não tem applicação senão nos exercicios de desfile ..., etc. ...

2.º—Criar e desenvolver os reflexos de combate desde o inicio da instrucção.

A criação e o desenvolvimento dos reflexos de combate, entre os quaes, a faculdade de vêr rapidamente, de observar, de tomar uma decisão de accordo com o que se tem em vista, de passar rapidamente á acção, etc., devem, desde o inicio, ser atacados nos exercicios de combate, sem esperar a iniciação completa do homem em todos os conhecimentos necessarios para combater.

Tornar-se-á essa instrucção possivel, viva e rapida, concretizando e materializando a situação (o inimigo e, sobretudo, os effeitos do fogo).

Essa representação deve ser: simples, para não exigir um esforço de imaginação excessivo: precisa, afim de que os problemas propostos sejam claros e compreendidos, da mesma maneira, pelos executantes.

Cada um, ficando assim obrigado a fazer esforço de reflexão, de vontade e de iniciativa individual, compreende e trabalha, e, dessa maneira, os resultados tornar-se-ão mais rapidos.

Além dos resultados acima indicados, estes exercicios desenvolvem a noção de ordem, de disciplina, de solidariedade no combate, dando á tropa a resistencia physica e a flexibilidade que lhes são necessarias para cumprir suas numerosas missões.

3.º—Fazer intervir, de,de que seja possivel, a idéa de collectividade.

Não se deve esperar o terminar da instrucção individual e do grupo para iniciar a instrucção de conjunto.

Essa instrucção começa, desde que os homens estejam bastante desembaraçados para manobrar em tropa (a instrucção individual e do grupo, sendo, depois, proseguidas parallelamente com ella).

— A cavallo — Quando os cavalleiros estiverem senhores do assento, principiar, successivamente, as escolas de pelotão, do esquadrão, do regimento, conduzindo estes exercicios, no sentido util, ao emprego, em todos os terrenos, das formações abertas, as unicas possiveis sob o fogo, isto é, no momento em que começa a phase importante da missão.

— A pé — Principiar o mais cedo possivel: os exercicios de conjunto, destinados a ensinar aos grupos a agir em ligação;

a execução perfeita de alguns movimentos de ordem unida, destinados a dar aos cavalleiros o espirito de cohesão, o reflexo da obediência e o habito da disciplina, — elementos essenciaes da formação do soldado.

4.º—Conduzir, parallelamente, a instrucção do homem como cavalleiro e combatente a pé.

Essas duas instrucções devem ser estreitamente ligadas, desde o inicio, e entram na composição de cada sessão de instrucção, a partir do

momento em que, estando os cavalleiros bastante desembaraçados, o facto de apelar, não traga, como consequencia, o condemnar parte do pelotão á inacção.

Além disso, cada um deve saber que, na maioria dos casos, uma operação a cavallo conduz a acção a pé e que o fim desta ultima é retomar o movimento a cavallo.

Este principio deve estar, constantemente, presente ao espirito do cavalleiro, quer se trate de patrulha ou de unidades superiores.

5.º—A progressão da instrucção deve ser compreendida e as sessões organizadas de modo a tornarem mais rapido o adestramento do cavalleiro e das unidades.

Dado o resultado a attingir e o curto prazo de tempo que se dispõe:

- a progressão da instrucção deve ser estabelecida de maneira a accelerar as partes em que essa acceleração não possa comprometter a qualidade dos resultados;
- a instrucção deve ser dada intensivamente e conduzida de modo a obter o maior rendimento.

Os conselhos dados nos annexos deste estudo, fornecem os meios de attender a essa necessidade.

Sem insistir mais sobre este assumpto, que, além disso, será retomado nos mesmos annexos (sessões de instrucção), lembro que:

— Toda sessão de instrucção deve:

- ter um objectivo preciso;
- ser preparada intellectual (escolha de meios) e materialmente (material previsto e prompto em quantidade sufficiente);
- A instrucção, por pequenos grupos homogeneos, permite guardar, no inicio, o caracter individual e tornar os resultados mais rapidos;
- O esforço continuo, a variedade da instrucção e o parallelismo da instrucção a cavallo e a pé podem ser obtidos pela organização de sessões mistas (sessões mistas de instrucção physica e de instrucção technica a pé, sessões mistas a cavallo e a pé) e por meio de judiciousa permutação circular entre os grupos de instrucção (no pelotão) ou dos pelotões (no esquadrão).

Depois de ter procurado os meios de accelerar a instrucção, convem, entretanto, notar a observação seguinte:

Um pelotão de recrutas apresenta, geralmente, poucos individuos intellectualmente em situação de assimilar, rapidamente, a parte theorica da instrucção, e, physicamente, aptos para ser, no minimo de tempo, o cavalleiro vigoroso e ousado, o atirador eximio no mosquetão, ao F/M, á metralhadora, etc., — dos quaes precisa a Cavallaria.

A formação physica do atirador e, ainda mais, do cavalleiro não se pode obter senão com uma adaptação muscular e nervosa, com um adestramento dos reflexos, que afastam toda idéa de precipitação e de fadiga.

Resulta disso, que a progressão da instrução deve basear-se sobre o cavalleiro medio, se se quiser obter resultados reaes e duraveis.

E' certo que a instrução, technica e tactica, do combatente a pé pode ser tornada mais rapida pela applicação das idéas acima indicadas, mas a formação do cavalleiro e do atirador deve ser proseguida durante o anno inteiro, de accordo com uma progressão lenta e prudente.

Além disso, equitação e tiro sendo — como já vimos — na guerra (o mais sério dos exames que fiscalizam a instrução) — os assumptos de coefficients elevados, importa, pois, cuidá-los particularmente.

A progressão da instrução deve levar em consideração este facto, e do termo "cavalleiro mobilizavel depois de 4 a 6 meses de instrução" não se deve deduzir que este tenha visto, ouvido, feito tudo e... nada aproveitado.

Depois dessa época, durante os 8 ou 6 meses que ficam disponíveis, o cavalleiro e o atirador — desembaraçados no decurso dos 4 ou 6 primeiros meses — podem e devem continuar, intensivamente, sua instrução, se se quiser lhes dar, antes de partirem do regimento, os qualificativos, perfeitamente desejaveis, de vigorosos, ousados e eximios.

Os methodos de instrução devem, tambem, permittir alcançar o objectivo, quaesquer que sejam os effectivos.

Ora, no que concerne á instrução individual e do grupo, não é preciso ter unidades completas. Qualquer que seja o effectivo presente, o trabalho pode ser conduzido num sentido pratico e útil.

E, acabamos de vêr, que o objectivo principal da instrução está atingido, quando o cavalleiro souber desempenhar, em ligação com os seus camaradas de combate, as diferentes missões que lhes forem designadas.

Este resultado obtido, os methodos da instrução devem adaptar-se aos effectivos occasionaes, para, a despeito delles, serem realizadas:

- a coordenação da acção dos grupos,
- a instrução dos quadros subalternos e, tambem, dos officiaes.

Este novo objectivo pode ser atingido (sem effectivos muito elevados) por meio:

- 1.º—de exercicios de ligação, sendo as unidades ou fracções de unidades sómente figuradas;
- 2.º—de exercicios de quadros, com ou sem tropa.

Estes exercicios, tendo por fim obrigar os quadros e as tropas a traduzirem sua vontade por ordens e actos, deverão ser sufficientemente materializados para que os executantes não tenham de dispendir um esforço excessivo de imaginação.

A sua organização deve, pois, ser cuidadosamente estudada.

O principio da instrução por unidades constituídas (o chefe instruindo a sua tropa) preconizado pelo regulamento, é evidentemente melhor. Casos haverá em que a situação numerica das unidades pode torná-lo irrealizavel. Pode-se encarar, nesses casos, a organização das unidades de instrução.

ORGANIZAÇÃO E MARCHA DA INSTRUÇÃO

O programma de instrução de cada unidade é estabelecido pelo Cmt. da unidade superior.

O Coronel estabelece o programma geral para o conjunto do regimento.

O Capitão, no seu esquadrão, o Cmt. do pelotão de

metralhadoras regimental, na sua unidade, estabelecem os seus programmas particulares.

Estes programmas, tanto mais minuciosos quanto menor fôr a unidade, devem fixar, nitidamente, o objectivo a atingir e a época em que cada assumpto já deverá ter sido ensinado e possa ser fiscalizado.

De um modo geral, o programma dado a uma unidade delimita o quadro em que tem de agir e fixa os meios postos á disposição, sem entravar a iniciativa do seu Cmt., deixando-lhe a escolha das medidas de execução que devem ser apropriadas ás circumstancias diarias.

O Cmt. da unidade superior verifica se os seus subordinados comprehendem as suas intenções e cuida que não acelerem a realização do seu programma com prejuizo da qualidade da instrução.

Além das datas especificadas no R/I/Q/T, para o inicio da instrução das especialidades, dos candidatos a cabos e sargentos, o Coronel determina as datas em que os recrutas devem participar no serviço (guarda nas baías, policia, etc.) e as épocas em que se devam iniciar os exercicios de conjunto do esquadrão e do regimento.

Regula as condições em que se devem effectuar a instrução dos officiaes, quadros e candidatos a graduados, especialistas e empregados.

Organiza, para cada grande periodo, o horario, fixando as condições geraes da labuta quotidiana (alvorada, refeições, serviços geraes), a repartição dos meios de instrução (locaes, material, picadeiros, campos de tiro, etc.).

No fim de cada semana, indica os dias e horas que para si reserva na semana seguinte, seja para a instrução dos quadros, seja para os exercicios de conjunto do regimento.

O Capitão estabelece um programma mais minucioso. Fixa o inicio e o fim de cada instrução, assim como o objectivo preciso a atingir.

Reparte os papeis entre os officiaes e sargentos e fixa, nitidamente, as responsabilidades de cada um.

Estabelece, ainda, o programma semanal de instrução que deve abranger a parte do programma a estudar, a indicação das horas, dos lugares dos exercicios previstos e do uniforme particular.

Diariamente, o Capitão reúne seus Cmts. de pelotão para lhes indicar a progressão diaria e acrescentar directivas e conselhos.

Essa progressão variável segundo o periodo, comprende obrigatoriamente:

- 1.º—Uma sessão de instrução a cavallo;
- 2.º—Uma sessão de instrução a pé (comportando 1 sessão diaria de Instrução physica, salvo no periodo de applicação e conservação do estado, no qual a Instrução physica poderá ser reduzida a duas vezes por semana);
- 3.º—Exercicios annexos;
- 4.º—Uma formatura diaria da unidade, especialmente para a leitura do boletim.

A duração dos exercicios é fixada pelo Capitão e proporcional ao grau de treinamento dos cavalleiros, á natureza dos esforços pedidos e á temperatura.

Na marcha da instrução deve-se encarar:

- A instrução dos cavalleiros de um anno de serviço;
- A instrução dos cavalleiros de mais de um anno de serviço;
- A instrução dos especialistas;
- A instrução dos reservistas.

INSTRUÇÃO DOS CAVALLEIROS DE UM ANNO DE SERVIÇO

Dados o modo de incorporação e a necessidade de tornar o contingente mobilizavel num prazo minimo, os periodos de instrução têm de cingir-se a determinadas directivas: o 1.º, especialmente consagrado á instrução individual e do grupo, e os dois outros, á instrução de conjunto do esquadrão e do regimento.

1.º Periodo (4 meses).

No fim desse periodo, os recrutas devem estar capazes de tomar parte na instrução de conjunto e ser mobilizaveis.

O objectivo, no fim do periodo, é ter recrutas:

- 1.º—Capazes de conduzirem, com uma só mão e em todas as andaduras, o cavallo com o freio;
- 2.º—Utilizando, convenientemente, as armas;
- 3.º—Possuindo as noções do serviço de campanha;
- 4.º—Capazes de desempenharem-se bem no grupo de combate;
- 5.º—Sabendo cuidar do cavallo, prepararem o arreamento de campanha e conservarem as armas e todas as peças do uniforme e equipamento;
- 6.º—Tendo participado nos exercicios de mobilização e embarques em estrada de ferro, e em alguns exercicios de conjunto do esquadrão e do regimento.

Um exame realizado no fim do 4.º mês verificará se a instrução individual está sufficientemente adeantada.

2.º Periodo (2 meses).

Devido ao escalonamento da incorporação, pode acontecer que o objectivo acima definido não seja completamente alcançado no fim do 1.º periodo.

O 2.º periodo tem por fim:

- a) Permittir que toda a unidade (retardatarios inclusive) possa iniciar o 3.º periodo;
- b) Dar a instrução do esquadrão.

A duração desse periodo, em principio fixada em dois meses, poderá ser reduzida, conforme os resultados obtidos.

Um exame passado no fim do 2.º periodo, fiscalizará os resultados adquiridos.

3.º Periodo (Do decurso do setimo mês ao fim do anno).

Este periodo tem por fim a instrução de conjunto do regimento.

Lembro a necessidade, qualquer que seja o periodo de instrução, de voltar-se, frequentemente, á instrução individual, embora constitua essa objecto de esforços principais no 1.º periodo.

As grandes manobras de fim de anno, que são o coroarmento da instrução, e, em sua falta, as realizadas com todas as armas nos arredores das guarnições, permitem avaliar da capacidade dos quadros e da aptidão manobreira da tropa.

INSTRUÇÃO DOS CAVALLEIROS DE MAIS DE UM ANNO DE SERVIÇO

A instrução dos voluntarios de mais de um anno e engajados deve ser objecto de attenção muito particular.

E' entre elles, tanto quanto possivel, que se recrutam diversos especialistas e cavalleiros especializados, como sejam: exploradores, radio-telegraphistas, ferradores, sapadores, atiradores das secções de metralhadoras, etc.

Tambem é entre elles que se escolhe a maior parte dos cavalleiros encarregados da doma dos animaes novos e, na falta de graduados, do respectivo adestramento.

E' essencial prepará-los, desde o inicio, conforme suas aptidões para esses diferentes misteres.

No que diz respeito particularmente á equitação, esses voluntarios devem receber uma instrução progressiva, perfeitamente methodica, na qual os instructores não procurarão a rapidez dos resultados.

Com effeito, a obrigação de ser mobilizavel, em data determinada, não pode existir para taes homens, que chegam em épocas diferentes de instrução. Será, pois, facil mister, particularmente na instrução inicial, — importante em materia de equitação.

Durante o 2.º anno de serviço, a instrução equestre dos ditos cavalleiros será revista com o maior cuidado. Devem ficar perfeitamente aptos para manejar os cavallos em todos os terrenos e andaduras.

Serão exercitados, em frequência, no uso das armas contra objectivos determinados e em exercicios de combate. Essa instrução, cuidadosamente ministrada, proporcionará combatentes cheios de destreza, confiança e audacia.

A instrução dos voluntarios e engajados, no serviço de campanha e no combate, compreenderá todos os ensinamentos necessarios á preparação de exploradores e á formação de cavalleiros de enquadramento, aptos para servirem de monitores aos recrutas, para commandantes de esquadra e grupo, patrulha, pequeno posto e para desempenharem missões difficeis, como cavalleiros de escol.

Cavalleiros de 4 a 6 meses de serviço: Vêr R/I/Q/T.

INSTRUÇÃO DAS ESPECIALIDADES

I — Os especialistas.

A denominação de especialistas deve ser reservada aos cavalleiros encarregados de empregar os petrechos particulares que não entram na dotação do material do Grupo de combate.

Os exploradores, os fuzileiros e as differentes categorias de granadeiros não devem ser considerados especialistas, e sim estar aptos para desempenharem qualquer papel de combatente, no pelotão a cavallo ou a pé.

A guerra, entretanto, salientou a necessidade da criação de especialistas e, daí, o aperfeiçoamento, em cada unidade, dos exploradores, fuzileiros e granadeiros, chamados de escol.

A instrução de metralhadoras é ministrada a todos os recrutas.

Os cavalleiros mais aptos são distribuidos pelo pelotão de metralhadoras regimental a partir do fim do 3.º mês (depois da incorporação) e não devem ter nenhuma especialidade até esse momento, pois, daí em diante é que são considerados como tal.

Os cavalleiros das secções de metralhadoras são especialistas.

Além dessa categoria de cavalleiros, ha as seguintes:

- 1.º—Os cavalleiros do Grupo de transmissão regimental: radio-telegraphistas e telephonistas e dos Grupo de sinaleiros: sinaleiros observadores.
- 2.º—Os sapadores.
- 3.º—Os clarins.
- 4.º—Os enfermeiros e padioleiros,

e, de um modo geral, todos os cavalleiros que, no regimento, cumpram, fóra do Grupo de combate, uma função especial sem que, comtudo, sejam classificados na categoria de empregados.

II — O papel dos especialistas.

O papel dos especialistas tem em campanha uma importancia consideravel.

No combate, elle é capital: "Da audacia, do sangue frio e da instrucção de certos especialistas pode depender o bom exito de uma operação".

III — A escolha dos especialistas.

E' feita entre os cavalleiros incorporados cuja profissão civil se coadune a essas funções; e na falta delles, entre os que possúam aptidão e instrucção sufficientes.

IV — A instrucção dos especialistas.

Deve ser conduzida com o mesmo cuidado que a dos graduados, e tem lugar, originariamente, no inicio do 4.º mês.

Os cavalleiros que forem designados para essa instrucção, serão nella instruidos conjunta e integralmente com a do de fileira.

O Coronel fixa as condições em que elles serão postos, para os fins da instrucção technica que terão de receber fóra das suas unidades, á disposição:

- do official chefe do grupo de transmissões;
- do official encarregado da instrucção dos sapadores;
- do clarim-mór;
- do medico.

NOTA: No que concerne aos programmas de instrucção das differentes especialidades, vêr os annexos.

INSTRUCÇÃO DOS RESERVISTAS

Como os reservistas chamados já têm um periodo de presença no exercito activo, basta rever-lhes rapidamente a instrucção já recebida e insistir nas modificações introduzidas nos regulamentos e no armamento — (R/I/Q/T).

A instrucção dos reservistas não abrange senão exercicios de immediata utilização na guerra.

Nenhum reservista será empregado.

As differentes categorias de especialistas têm sessões especiaes de instrucção.

Para todos elles, a instrucção equestre será conduzida no sentido das applicações (Serviço de campanha).

Caso sejam chamados reservistas com instrucção militar deficiente, é mister fazer com que fiquem rapidamente em condições de desempenhar, no plotão, as mais simples funções.

Adestramento para o combate

(Subsidio para a formação da doutrina)

A INSTRUÇÃO dos quadros no ambito dos corpos de tropa obedece a regras e exigências de tal ordem complexas que a elles a literatura militar presta o seu mais carinhoso cuidado.

Mesmo entre os Exercito saídos da escola da Guerra e de larga tradição militar, mesmo entre esses, essa parte apresenta-se tão imperiosa que ao lado dos regulamentos, dos livros que os interpretam, os explicam, os illustram, não deixa de ter lugar essa outra espécie de trabalhos de coordenação, de methodo, de pedagogia, se assim se pôde dizer, da instrucção militar. E' que ao lado da doutrina, do regulamento e do exercicio que a ensina, existe a arte de torná-la accessivel no ambito dos trabalhos annuaes da caserna.

Entre nós já não é de hoje que se tem produzido trabalho dessa natureza, mas força é reconhecer que evoluindo a doutrina e os seus processos, não se evoluiu na maneira de coordená-los segundo as ideias modernas de instrucção.

Por isso chega á hora opportuna o trabalho do Cel. Paes de Andrade.

O "Adestramento para o Combate", como elle o intitula, diz tudo. Os quadros fazem a tropa e os seus exercicios não tem outra finalidade que o combate.

Fazer exercicios de quadros; viver em exercicios collectivos não é senão criar o habito de agir e de pensar collectivamente; de ter um objectivo commun que não pertence a ninguém, mas pertence a todos e deante do qual se uniformizam todos os esforços, se apagam todas as personalidades para só se encadearem as tarefas de cada qual no conjunto. Mas ensinar o trabalho colectivo, isto é, o exercicio de quadros, tendo que preparar o trabalho individual, não é tarefa facilmente attingida. O livro do Cel. Paes de Andrade tem a virtude de estudar a maneira de seriar os assumptos dentro do anno de instrucção; de dar os conselhos e as regras de conduzir a instrucção e finalmente, á guisa de exemplo, — mostra o que deve constituir num programma de instrucção num R.I., a distribuição da materia no tempo e no espaço.

O nome do autor já bastaria á sua recommendação si não houvessemos que accrescentar a de sua opportunitude e interesse.

Organização da Artilharia Argentina

A ARMA de artilharia comprehende:

- 5 regimentos mistos de campanha.
- 2 grupos de Mth.
- 3 grupos a cavallo.
- 5 bias de acompanhamento.

Os regimentos mistos de organização identica pertencem as 5 divisões de Exército.

Os grupos de montanha formam parte dos destacamentos affectos a 4. e 5. Divisões.

A artilharia a cavallo está affecta as Bdas. de Cavallaria independente.

As Bias de acompanhamento se incluem nas Infantarias Divisionarias.

Composição minuciosa:

Regimento Misto: estado maior.

2 grupos.

2 Bias. (75 Krup e 1 Bia. de obuses 105).

O E.M. do R. se compõe de: 1 Tte. Cel. Cmt., 1 Tte. Apte. 2 sargentos e 7 soldados.

O E. M. do Grupo — 1 Major Cmt. — 1 Tte. Apte., 1 sargento, 1 cabo e 15 soldados.

As Bias. possuem além do Cap., 3 Ten.

Grupo de Mth. — E.M. e 2 Bias.

Grupo a Cav. — E.M. e 2 bias.

As bias. tem 4 peças e 6 carros de munição.

Os regimentos são numerados seguidamente designando-se abreviadamente pela letra A, assim A3, A2, etc. A artilharia de Mth. se designa pela inicial minuscula "a" assim "a1", etc.

A artilharia a cavallo é designada pelas iniciaes "Ac".

A formação de reservas de especialistas

Sugestões a proposito da revisão do Regulamento do Serviço Militar

Pelo Cap. Pery Constant Bevilacqua

N. R. — Por falta absoluta de espaço este artigo deixou de sair, como estava previsto, no numero de Dezembro. Por essa razão chega infelizmente, tarde para influir no andamento do projecto n.º 184 de 1927 referente aos impostos que incidem sobre os radio-amadores, mas cremos que sempre opportuno para mostrar aos encarregados da revisão do nosso R.S.M., o que vale aquelle projecto como attentado á formação espontanea da reserva de radio especialistas.

Sugerindo ideias originaes e interessantes sobre a constituição de reservas de especialistas e o recrutamento delles, o autor collaboa, igualmente, para a solução desse problema — parte interessantissima na mobilização.

Resta apenas que seja executado com interesse.

ESTA' sendo feita a revisão do R.S.M. Julgamos assim opportunas as desprezenciosas idéas que submettemos á consideração dos responsáveis pelo aperfeiçoamento daquelle regulamento.

As praças do Exercito podem ser agrupadas em duas grandes categorias:

- a) praças sem especialidade,
- b) especialistas.

Esta 2.ª categoria abrange os especialistas combatentes e os não combatentes ou simplesmente auxiliares. (*)

A ella pertencem pois os especialistas, de transmissões (telephonistas, radio-telegraphistas, etc.), os enfermeiros e padioleiros e os artifices (ferreiros, ferradores, cerralheiros, selheiros-corrieiros, carpinteiros, mecanicos, electricistas, ajustadores, segeiros, sapateiros, alfaiates, cozinheiros, etc., etc.)

Para simplificar incluiremos aqui os conductores e motoristas na categoria de especialistas.

Havendo no meio civil cidadãos cuja profissão constitue especialidade necessaria no Exercito é claro que

ha toda conveniencia em aproveitá-los como especialistas.

As profissões civis são pois uma fonte de formação espontanea de reserva de especialistas.

E ha especialidades caras e difficeis de formar na caserna, mesmo com o serviço de 18 meses.

O numero de especialistas necessarios ao Exercito é enorme.

Para se ter uma idéa aproximada tomemos os quadros de effectivos convencionaes que serviram de base ás ultimas manobras de exercito da E.E.M. Vejamos o numero de conductores por exemplo.

Uma D.I. precisa, entre viaturas de 2 e de 4 rodas, excluidas as viaturas de munição typo regulamentar de artilharia e carros-pontões da engenharia, mais de 3.000 viaturas ou sejam mais de 3.000 conductores ou carroceiros; uma D.C. precisa de cerca de 700.

Um pequeno exercito de cerca de 160 mil homens, composto de tres D.I., uma D.C. e uma Div. Aerea além de um R.P.A.Ex. e mais alguns elementos de exercito, bem como dos órgãos de serviço necessarios, precisa de cerca de 16.000 viaturas e 2.000 autos ou sejam 16.000 conductores e 2.000 motoristas — a totalidade do nosso effectivo orçamentario de poucos annos atrás!

A par desse numero consideravel de conductores de vehiculos é preciso uma grande quantidade de artifices de varias especies, etc.

A 1.ª suggestão que fazemos é: Reduzir para os especialistas formados na vida civil o tempo de serviço para obtenção da caderneta de reservista de 1.ª categoria, pois virão ás fileiras apenas receber uma instrução complement para o desempenho de sua função como especialista militar, ao mesmo tempo que as noções geraes de disciplina militar que constituem o fundo commum da instrução de todo soldado (instrução geral, moral e civica, tiro, regras a observar nas diversas circumstancias da vida de campanha, etc., etc.)

Assim limitadas as necessidades de instrução para o acabamento da formação dos reservistas-especialistas pode-se com vantagem para o Estado como para estes, reduzir ao minimo a sua estadia nas fileiras, para que se possa, num mesmo anno de instrução e sem aumento de despesa, preparar um numero de reservista muito superior ao que é dado pelas disposições vigentes.

O actual art. 40 do R.S.M. seria então modificado, passando a ser redigido mais ou menos assim:

Art. 40. — Os especialistas (artifices telegraphistas, etc.) bem assim os conductores e motoristas po-

dem ser aceitos como voluntarios em qualquer época do anno.

§ 1.º — Sem alteração.

§ 2.º — O tempo de serviço desses voluntarios será normalmente de 4 meses, no caso de verificação de praça antes da incorporação do contingente da segunda chamada (contingente suplementar);

se o voluntario não quizer gozar dessa faculdade, será igual ao da classe que estiver incorporada e contado como se a ella pertencesse; se tiver verificado praça após aquella 2.ª incorporação, será contado como se pertencesse á classe a incorporar no anno seguinte, resalvado o direito de licenciamento no fim do 1.º periodo de instrução dessa classe.

§ 3.º — Os corneteiros e musicos tambem poderão ser aceitos voluntarios em qualquer época do anno, sem as vantagens, porém, dos especialistas quanto á redução do tempo de serviço, o qual lhes será contado pela forma do paragrapho anterior.

§ 4.º — O tempo de serviço a que se refere o § 2.º poderá ser modificado a criterio do governo, não devendo porém ser inferior áquelle prazo.

Como desdobramento natural desta idéa surge uma outra, a de ser feito o sorteio geral como o que existe actualmente e o sorteio de especialistas, designado a chamar ás fileiras um certo contingente de especialistas civis de varios generos, segundo as necessidades fixadas pelo E.M.E.

Estes numeros seriam fixados annualmente levando em conta, naturalmente as necessidades de mobilização, não só das unidades combatentes, como das formações de serviço previstas, divisionarias e de exercito em cada região.

E um tal sorteio de especialistas seria de facil execução, pois nas relações de alistamento que servem de base ao sorteio deve constar entre outros dados, a profissão do alistado, de conformidade com o art. 64 § 2.º do R.S.M.

Uma primeira vantagem evidente de tal sorteio seria de constituir normalmente, pela incorporação certa, um numero de reservistas especialistas da melhor qualidade, de acôrdo com as necessidades de mobilização previstas.

Teria assim termo a incorporação aleatoria, todos os annos, de homens possuidores de habilitações especiaes como profissionais civis, pois que esta questão de chamamento ás fileiras de um certo numero de especialistas de cada natureza está entregue, actualmente, exclusivamente á sorte

(*) O R. I. Q. T., (em nota referente ao art. 81 — 4.º), chama a esses elementos não combatentes dos corpos de empregados, reservando a denominação de especialistas áquelles que desempenham papel particular como combatentes, taes como telephonistas e radios, enfermeiros e padioleiros, etc.

Preferimos aqui empregar o termo especialista na sua mais generica acepção, abrangendo uns e outros, como faz o R.S.M.

e não ao criterio das *necessidades reaes de mobilização*.

Em um dado anno a sorte, em seus caprichosos designios, trás á caserna um numero razoavel de especialistas, para nos annos seguintes ser menos prodiga ou mesmo avara...

Cumpra substituir a *logica da sorte* pelo criterio das necessidades e conveniencias do Exercito.

E' fóra de duvida que o numero de especialistas a serem alcançados pelo sorteio, de acôrdo com as necessidades fixadas pelo E.M.E., deverá ser função do numero de voluntarios especialistas que se tiverem apresentado, pois que o sorteio só se destina a completar os claros não preenchidos pelo voluntariado.

Para que não viesse a haver falta de especialistas em nenhum dos periodos de instrução da tropa, mormente nos 2.º e 3.º e durante as manobras de guarnição, dever-se-ia fazer um judicioso escalonamento das épocas de incorporação dos sorteados dessa natureza.

E o numero de reservistas-especialistas a obter em cada anno de instrução permite um tal escalonamento no tempo, visto como cada unidade deverá preparar reservistas de cada classe, não apenas para o seu effectivo de guerra, (acrescido de certa percentagem para as eventualidades de mortes, isenções diversas, etc.), mas também para o effectivo de uma ou mais unidades para as quaes servirá de nucleo de mobilização ou em que se desdobrará por occasião desta.

Além da modificação do art. 40 pela forma vista acima, instituindo-se a vantagem da redução do tempo de serviço ao minimo para os especialistas já formados nas profissões civis que se apresentem voluntariamente, dever-se-ia estabelecer que os especialistas civis que fossem colhidos pelo sorteio teriam que servir durante um tempo duplo ou triplo dos voluntarios.

Convem que este tempo seja sempre menor do que o tempo normal, isto é, dos sorteados sem especialidade, para que elles no acto da incorporação não occultem, por qualquer razão ou mesmo sem motivo, o seu officio ou habilitações que os indiquem á inclusão em determinada categoria de especialistas.

O sorteio de especialistas deveria preceder o sorteio geral, devendo entrar novamente na urna os nomes dos alistados que, sendo possuidores de especialidades, não tivessem sido sorteados no 1.º escrutinio.

Isto teria a vantagem de atrair ás fileiras, voluntariamente, grande numero de especialistas civis, já para gozar das vantagens de redução do tempo de serviço a 4 meses, já receiosos de serem apanhados pelo sorteio, dado o facto de terem seus nomes de figurar em dois sorteios successivos, o de especialistas e o geral e, na hypothese de serem colhidos por este ultimo, terem que fazer o serviço normal, que actualmente é de 18 meses.

PROVA DE HABILITAÇÃO

Para o cidadão gozar das vantagens propostas na modificação do art. 40 do R.S.M., acima expostas, seria necessario que provasse as suas habili-

tações como especialista civil, de especialidade aproveitavel no Exercito. A questão é muito simples, ficando resolvida por meio de um exame que teria lugar no proprio corpo de tropa em que se apresentasse ou, em alguns casos, numa officina do Estado, fabrica ou arsenal mais proximo (caso de artifices de natureza especial que não existem nas officinas regimentaes e que, no entanto, são previstos na organização de órgãos taes como grupos de reparações divisionarios, parques de reparações de exercito, parques de aviação, etc.).

Estes, uma vez julgados aptos, deveriam ser incorporados na unidade de tropa mais proxima, de qualquer arma, para receber aquella instrução commum a todo soldado, como ficou dito (educação moral, instrução geral, tiro, R.S.C., etc.).

Para os conductores de vehiculos, hippomoveis ou automoveis, poder-se-ia até, em rigor, prescindir nos grandes centros, desse exame, aliás muito facil de executar, pois as provas a que são submettidos na Policia para obtenção de sua carteira são so- bejamente sufficientes para as necessidades do serviço militar. — Com effeito, governar um vehiculo nas ruas de uma cidade de transito intenso é muito mais difficil do que guiá-lo ao longo de uma estrada.

Conviria talvez limitar o voluntariado, para effeito das disposições do § 2.º do art. 40 acima, exclusivamente aos especialistas civis *profissionais*, isto é, que exercerem effectivamente a profissão e estabelecer uma ordem de preferencia para sua aceitação, baseada, por exemplo, no numero de annos de effectivo exercicio da profissão, em caso de igualdade de proficiência revelada no exame, para aquelles que se tenham apresentado na mesma occasião.

RADIO-AMADORES:

Os radio-amadores merecem uma referencia especial.

Os cidadãos amadores da T.S.F. que possuem postos emissores-receptores, constituem-se espontaneamente excellentes reservistas dessa especialidade, difficil de formar em boas condições no Exercito, mesmo com o serviço de 18 meses.

Cumpra salientar que elles não só se fazem radio-telegraphistas como ainda se mantêm em permanente estado de treinamento, ás suas proprias expensas.

Em caso de mobilização elles poderão, não só servir como especialistas-radio, como até, segundo as circumstancias, ser incorporados com o respectivo material que lhes pertencer. Daí ferir os legitimos interesses da defesa do pais, reduzindo ou virtualmente extinguindo essa fonte de formação espontanea e gratuita de reservistas-radio, o projecto n.º 184, deste anno "extinguindo as isenções e reduções de impostos alfandegarios e dando outras providencias" e que grava com 200\$000 annuaes as estações emisoras dos amadores.

Resta-nos a esperanza de que o Sr. Presidente da Republica véte essa parte daquelle projecto, ainda em transito no Congresso, por pernicioso á defesa nacional, como demonstramos pelas columnas do "O Jor-

nal", de 21 de setembro do corrente anno, em artigo intitulado "As projectadas tributações sobre osapparelhos de radio-communicação e o interesse nacional."

Fechado este pequeno parentese concluíamos que os radio-telegraphistas amadores, possuidores de habilitações sufficientes, devem poder gozar das mesmas vantagens offerecidas aos especialistas profissionais, conforme a suggestão apresentada linhas atrás.

Convem ainda referir que elles para obterem a necessaria licença, de conformidade com o regulamento dos serviços radio-telegraphicos e radio-telephonicos, Decreto numero 16.657 de 5-11-924, devem ser habilitados mediante uma prova prestada na Repartição Geral dos Telegraphos, que consta de transmissão e recepção de ouvido á razão de dez palavras por minuto e arguição sobre o funcionamento de sua estação. Só gozariam porém, de modo completo, as vantagens do § 2.º do art. 40, si, após os seus 4 meses de incorporação, continuassem, durante um certo numero de annos, praticando a T.S.F., devendo então ser submettidos a provas periodicas de proficiência, na propria unidade a que pertencessem ou na que ficasse mais proxima, em caso de mudança de residencia.

Na hypothese de um tal especialista, antes de expirado o prazo que fosse marcado, — por exemplo antes dos 30 annos de idade, — abandonar e esquecer completamente a sua technica, ficaria sujeito a nova incorporação para readquiri-la.

Estas exigencias teriam o triplice objectivo:

- a) evitar os falsos amadores que se collocassem momentaneamente em condições de gozar as vantagens daquelle dispositivo legal, visando somente fugir ao serviço militar normal, abandonando em seguida a T. S. F.;
- b) obrigar aos que tivessem feito jus áquellas vantagens a se conservar em estado de treinamento; e
- c) controlar periodicamente sua proficiência technica.

FERRO-VIARIOS:

Os ferro-viarios deveriam ter um regimen especial. E' preciso não esquecer que não temos o serviço militar geral e obrigatorio, temos apenas o sorteio, na impossibilidade de fazer passar pelas fieiras todos os cidadãos em idade de conscrição. E o interesse da defesa nacional aconselha que se faça com intelligencia uma prévia selecção, antes de entregar á sorte a escolha dos que devam ser incorporados.

Os ferro-viarios não deverão ser desviados, na occasião da mobilização, de suas funções. O trafego das vias ferreas, mormente em determinadas linhas, soffrerá, desde os primeiros momentos, uma intensificação formidavel, não se podendo portanto retirar os respectivos machinistas foguistas, etc., sendo preciso, ao contrario, reforçá-las com pessoal e material transferidos de outras vias ferreas, o que deverá ser feito sem compometter a vida e, tanto quanto possivel, a produção de certas regiões.

Seria então necessario regulamentar, definindo claramente quaes as categorias de empregados das estradas de ferro e em que condições seriam considerados ferro-viarios para os effeitos de redução do tempo de serviço na forma do art. 40 § 2.º e para *isenção do sorteio geral*.

Seriam incluídos no sorteio de especialistas, que funcionaria apenas para completar o numero de incorporações determinado annualmente pelo E.M.E. e que não tivesse sido atingindo pelo voluntariado, prevenindo-se sua inclusão nos batalhões ferro-viarios, por occasião da mobilização. Nisto se caracterizaria o regimen especial acima referido: Não seriam incluídos no sorteio geral os ferro-viarios escapos do sorteio de especialistas, como propusemos para os demais.

E' um do principios fundamentais de organização dos exercitos que a organização do tempo de paz deve differir o menos possivel da do tempo de guerra.

E o que se diz da organização das forças armadas pode-se por extensão afirmar da organização do proprio país, que, dado o caracter da guerra moderna, deve realizar o mais possivel o principio de *nação armada*, de forma que a passagem do pé de paz para o de guerra se faça facil e rapidamente, com o minimo de perturbação. Tudo deve ter sido objecto de previsão, nada ficando á improvisação, donde a enorme importancia da *estatística militar* como base fundamental a todo trabalho de previsão e systematização tendo em vista a guerra.

E' de summa importancia o arrolamento de todos os especialistas em condições de servir quer nas unidades combatentes e formações de serviço, quer nas officinas, laboratorios, fabricas, vias-ferreas, etc., qualquer que seja sua idade, pois, segundo dispõe o R. S. M. em seu art. 3.º, "em casa de guerra, a partir da idade de 44 annos até um limite determinado pelas circumstancias do momento, bem como entre 17 e 21 annos, todo brasileiro de qualquer idade, que não estiver incorporado ao Exercito, é obrigado a prestar o serviço que a Nação reclamar, segundo sua capacidade e aptidões individuaes.

ESPECIALISTAS DAS INDUSTRIAS

Quando servimos no ex-1.º Grupo de Obuzes, de saudosa memoria, tivemos recrutas que eram operarios do Arsenal de Guerra e estabelecimentos congeneres, electricistas, torneiros, corrieiros, mecanicos, etc.

Ora, homens em taes condições, embora excellentes artilheiros, conductores, apontadores, etc., na occasião da mobilização, não deverão ser incorporados á unidade em que se acham arrolados, pois que iriam fazer falhar muito maior á officina á que pertencem que será ampliada e terá o seu trabalho intensificado ao maximum, passando provavelmente a trabalhar dia e noite precisando aumentar em grandes proporções, os seus quadros de operarios, não podendo por isto dispensar nenhum, em se tratando

de de especialistas de formação difficil e demorada.

Num rapido parentese lembremos que o Estado paga integralmente os respectivos vencimentos a esses operarios, durante o tempo de serviço militar, como de resto a todos os seus funcionarios ou empregados colhidos pelo sorteio.

Precisamos olhar para o futuro, sem perder de vista a experiencia alheia. E' sabido que a França por exemplo, logo no principio da Grande Guerra, para attender ás necessidades que se impuseram desde logo colossaes da mobilização industrial do país teve de retirar da "frente" grande numero de soldados que haviam sido mobilizados como combatentes e que faziam, como operarios especialistas, grande falta nas fabricas e officinas do interior.

Instruir e arrolar como combatente um cidadão que *a priori* se póde ter a certeza de que fará falta como especialista, em officinas e fabricas do interior ou em outra função para que se ache habilitado especialmente e que sendo indispensavel ao Exercito seja ao mesmo tempo de formação difficil e demorada seria, além de inconsequente, dispendioso e inutil, ou mais precisamente, pernicioso, por se preparar, assim, o rareamento das fileiras para a occasião mesma em que as unidades precisam contar com todos os seus elementos.

Os reservistas possuidores de officios que os indiquem aos arsenaes, officina ou laboratorios, na melhor das hypotheses ficarão arrolados, após a conclusão de seu tempo de serviço, como *mobilizaveis indisponiveis* e a unidade que os tiver recebido terá deixado de preparar um elemento para as suas proprias necessidades. Ficará, é verdade, arrolada para as necessidades do escalão Exercito, mas isto poderia ser feito sem tanta despesa e de maneira mais proveitosa á propria reserva de especialistas da industria.

Proporiamos então incluir na reforma do R.S.M. uma disposição determinando que estes, segundo uma classificação a ser estabelecida pelo E.M.E. seriam systematicamente incorporados, *sem sorteio*, mas *periodicamente*, ás fabricas, arsenaes, etc. Ficariam suietos, assim, a um regimen especial os metallurgicos, chimicos, etc., cujo numero entre nós ainda é muito reduzido, prevenindo-se no entanto grande necessidade de taes especialistas na occasião da mobilização.

Viriam a esses estabelecimentos adquirir conhecimentos complementares da propria especialidade e relativos ás applicações militares, afim de se collocarem em situação de ser incorporados aos mesmos, ou a trabalharem para as necessidades industriais do Exercito em suas proprias fabricas ou officinas civis, transformadas com a mobilização para fins militares.

O Ministro da Guerra, ouvindo previamente o Director do Material Bellico, determinaria, então annualmente, a proporção de especialistas dessa natureza a incorporar nos arsenaes e fabricas afim de fazerem o estagfio periodico, cuja duração seria por elle arbitrada.

CONTESTAÇÃO A' PRIMEIRA VISTA PROCEDENTE

Contra a idéa de reduzir o tempo de serviço dos voluntarios que possuam especialização aproveitavel no Exercito, ao minimo indispensavel á sua transformação em reservistas-especialistas, poder-se-ia articular que assim não seriam aproveitados, segundo sua maior aptidão, muitos cidadãos que poderiam revelar optimas qualidades para outras funções militares que não a sua especialidade civil.

Assim, um carroceiro, dispondo de qualidades que o indicassem á instrução especial de apontadores por exemplo, teria que ser arrolado como conductor, deixando-se de formar um bom apontador, metralhador, etc. Destarte ficariam mal aproveitadas as qualidades ou aptidões que o homem revelasse.

Não deixaria de assistir certa dose de razão a quem fizesse uma tal observação.

Realmente representa um inconveniente limitar os elementos de selecção para o preenchimento de funções mais difficeis.

Mas, em contraposição a este inconveniente, a applicação daquelle principio de aproveitar a especialização já feita no meio civil trás, entre outras, a grande vantagem de permitir constituir, com uma mesma despesa e num mesmo tempo, um numero muito maior de reservistas, cumprindo salientar que esses especialistas, uma vez restituídos á vida civil, irão continuar em permanente estado de treinamento no exercicio de sua profissão mesma.

E este argumento cresce de valor, attendendo-se á grande desproporção entre as nossas necessidades militares e os effectivos de paz permittidos pela exiguidade dos orçamentos: Todo lugar, portanto, occupado por um especialista existente no meio civil ou susceptivel de se formar em pouco tempo pelo aproveitamento de certos elementos encontrados nesse meio é um lugar roubado a um combatente, porque deixa de ser aproveitado para a formação de um combatente.

O aproveitamento das especializações civis é aliás principio regulamentar, pois o R.S.M., na parte referente á distribuição do contingente a incorporar em cada região ou circumscricção militar, assim precentua:

Art. 98 § 4.º — Os estados-maiores regionaes estabelecerão as normas para a designação, tendo em vista em primeiro lugar, o preenchimento dos quadros de especialistas dos diversos corpos e formações pelos individuos mais aptos por suas profissões civis, e, em seguida, a distribuição por armas e serviços, de acordo com as exigencias respectivas e a capacidade de cada individuo.

Aqui ficam idéas que, se aceitas e encaixadas convenientemente no R.S.M., motivariam, natural e consequentemente, pequenas alterações R.I.Q.T.

RESUMO: — Em resumo propomos:

- 1 — Classificação pelo E.M.E. das especialidades e fixação do contingente a incorporar pelo voluntariado, cada anno e em cada região, sendo completadas as faltas pelo sorteio de especialistas.
- 2 — Admittir o voluntariado em qualquer época, do anno, dentro das proporções acima, para os profissionais possuidores de especialidade útil ao Exército, reduzindo-lhes o tempo de serviço ao minimo indispensavel á obtenção de conhecimentos complementares para o desempenho de sua função como especialista militar. Incluir nesse numero os amadores de T.S.F. sob certas condições.
- 3 — Isentar do sorteio os especialistas de natureza singular, como os metallurgicos e chimicos, (segundo especificação organizada pelo E.M.E.) que, no entanto, deverão fazer estagio periodico em fabricas, arsenaes e laboratorios militares, até atingirem uma certa idade ou durante determinado numero de annos, afim de se collocarem e se manterem em condições de ser utilizados na mobilização como reservistas-industriaes.
- 4 — Instituir o sorteio de especialistas precedendo o sorteio commum, sendo incluídos neste, á excepção dos ferro-viarios, os cidadãos possuidores de especialidade que não tenham sido alcançados pelo primeiro sorteio. Escalonar as épocas de in-

corporação desses sorteados de molde a não haver falta de especialistas em boas condições de efficiencia, durante todo o anno de instrucção da tropa.

As suggestões que aqui expendemos são em parte filhas da observação do nosso meio e, sobretudo, da vontade de contribuir com um grão de areia que seja para a construcção do nosso poder militar.

Se os competentes não julgarem dignas de apreço, reclamo para ellas, como unico merito, o desejo sincero de acertar.

Serão mais um castello no ar que se desfará como tantos outros, passatempo innocuo de, nas horas vagas, reorganizar o Exército...

Rio, 27 de Novembro de 1927.

Conselho de Defesa Nacional

(W. M.)

Por decreto de 29 de novembro p. p. ficou estabelecido no Brasil o Conselho de Defesa Nacional aparelho de coordenação dos assumptos relativos á defesa militar, naval e aerea do país e que existe já de ha muito em quasi todas as nações.

Essa medida se impunha desde muitos annos. Data de 1916 o primeiro esforço feito em favor de sua instituição entre nós. E' que, a partir da primeira reorganização de nosso exercito (1908), reorganização que quebra de uma vez todas as características milicianas de nossas forças de terra, ha em nosso meio militar verdadeira ansia por completar-se a grande obra iniciada. Meas todos os demais impulsos dados ao Exército Nacional sempre careceram de alcance social e politico, exclusão feita da execução do serviço militar. E, hoje, é inegavel, a somma de providencias politicas e sociaes na preparação da defesa nacional, assume respeitavel vulto.

*
* *

O Conselho de Defesa Nacional vem justamente favorecer, d'agora por diante, a adopção de medidas extramilitares indispensaveis, se quizermos que a nossa preparação militar e naval tenha alguma significação.

A maioria dos nossos concidadãos, de defesa nacional só vê os armamentos. Isso é fruto da ignorancia profunda em que vive a massa de nossos patricios a respeito do assumpto magno que é a manutenção, em qualquer caso, da integridade nacional. No entanto a verdade é que os armamentos constituem apenas um dos paragraphos de qualquer plano de defesa e, até certo ponto, são aspectos secundarios.

Meia duzia de perguntas bastarão para justificar essa asserção. De que vale a imposição immediata de armamento se não se dispõe de meios para transportal-os? De que valerão as armas se os soldados que as guardam não puderem ser alimentados, equipados e fardados como convem aos serviços que têm de prestar? Que significa o armamento nas mãos de soldados que não têm a consciencia civica da violenta acção politica que é a guerra,

empregado por officiaes aquem de suas responsabilidades para com a Nação? E a coordenação do emprego desse material no mar, em terra, no ar? E a sua conservação e recuperação nos casos de estrago? E as munições que elle consome?

Como se vê antes que se adquiram armamentos é preciso resolver uma serie de questões que avultam ainda mais, depois que se tem adquirido o armamento.

*
* *

O Conselho de Defesa Nacional é pois, um aparelho que merece ser encarado com toda a sympathia pela opinião do país, até mesmo como um freio anti-armamentista. Os seus trabalhos conduzirão a uma estimativa razoavel do material de guerra de que se precisa dispôr, que será precisamente aquelle de que a Nação no estado presente de suas comunicações e possibilidades economicas póde admittir.

Com effeito: quaesquer velleidades armamentistas cahirão deante de verdades como essas — mais valem 10 canhões que se pódem levar a logares onde elles pódem ser empregados efficientemente do que 10 que se não póde siquer transportar; é inutil possuir 5.000 metralhadoras, se só se póde alimentar em munições apenas 1.000; um milhar de aviões e hydro-aviões valerá menos que algumas centenas de typos bem ajustados uns aos outros mediante acções conjugadas bem previstas e assim por diante.

O Conselho de Defesa Nacional é precisamente o aparelho que estava faltando ás nossas forças armadas para que ellas viessem a representar realmente a projecção da propria nacionalidade nos vastos horizontes de seus proprios designios. A partir de seu funcionamento nossas forças de guerra não serão mais corpos estranhos no ambiente nacional, organizações exóticas no scenario das cogitações politicas e das contingencias sociaes, mas organismos proporcionados a estas cogitações e contingencias, verdadeiros symbolos da nacionalidade por materialisarem a synthese de suas possibilidades politicas, economicas e financeiras.

Artilharia de acompanhamento immediata no Brasil

Pelo Cmte. JOSEPH WELLER — Da M. M. F.

A NECESSIDADE de um canhão de acompanhamento da Infantaria se fez sentir durante toda a guerra, mais particularmente em 1918, quando depois de um longo periodo de estacionamento, os Exercitos voltavam a uma guerra na qual a mobilidade recomeçava o desempenho de um papel mais importante.

A razão está em que em presença de armas automaticas inimigas desenhadas, abrigadas, ou mesmo simplesmente protegidas por um escudo á prova de bala de infantaria (monte de terra, muro, etc.) impunha empregar projectis bastante poderosos para aniquilar essas diferentes protecções (demolição de paredes ou tectos) ou torná-las inefficazes (arrebentamentos acima dos defensores).

Estas armas automaticas, accionadas quando a necessidade apparece, ficam por muito tempo mudas em posição. Quando se revelam, seu fogo irresistivel paralyza o ataque, e, sob pena de perder o beneficio de uma surpresa cuidadosamente estudada, ou de uma preparação custosa e longa, é preciso impor-lhes silencio. No mais das vezes, sómente os projectis de artilharia são capazes de dar sem tardança, o resultado desejado.

Esta necessidade de agir sem perda de tempo impõe a existencia de uma artilharia em ligação immediata com a infantaria, fzendo corpo com ella, que vê ao mesmo tempo que ella os objectivos a bater e possa agir assim que os descubra sem, que tenha a temer a interrupção das transmissões, sempre longas a estabelecer. E' a esta artilharia que nós chamaremos **Art. de acompanhamento immediato**.

Ella deve possuir um certo número de qualidades:

Fraca velocidade inicial que permite utilizar todas as mascaras ou coberturas e realizar um angulo de queda sufficiente para bater os objectivos mascarados ou penetrar nas defesas sem ricochetar;

Potencia dos projectis para obter um resultado rapido;

Precisão para realizar tiros de destruição e ter uma zona de segurança reduzida;

Alcance efficaz sufficiente para que o canhão não atire das primeiras linhas de fogo;

Facilidade de desenfiamento para escapar aos observadores terrestres e aos aviões;

Mobilidade para poder seguir a infantaria em toda a parte;

Vulnerabilidade comparada á da infantaria, durante a marcha;

Protecção assegurada contra a bala da infantaria durante o tiro;

Remuniciamento possivel e certo.

Poder-se-ia aumentar a lista das exigencias...

A realização de um tal canhão é difficil. Varios materiaes estão em estudo e experiencia em diversos paises, mas não existe em nenhum Exercito um canhão de artilharia de acompanhamento immediato que satisfaça ao infante.

Tentou-se empregar o canhão de campanha neste serviço. Quase sempre era impossivel e chegava-se apenas á destruição total da artilharia sem proveito algum.

Ha casos no entanto em que esse emprego é possivel, frutuoso mesmo, e isso basta para que se estude o problema.

Os regulamentos brasileiros prevêm o emprego do canhão de dorso como canhão de artilharia de acompanhamento immediato. Actualmente a artilharia brasileira é dotada de um material novo: o canhão 75 de dorso Schneider, (ver annexo n. 1) canhão que possuindo sensivelmente as mesmas propriedades do canhão de campanha se presta a um transporte e a um emprego mais facil em um terreno accidentado; e é por esta razão que parece logico dar-lhes a missão de acompanhamento immediato. Antes de estabelecer regras é bom lembrar que o canhão 75 Schneider não foi ideado para fazer o acompanhamento immediato e não tem exatamente as qualidades que se exige de um material especialmente construido para esse fim.

E' pois necessario estudar a medida em que esse canhão poderá cumprir as missões de acompanhamento immediato para poder formular alguns principios de emprego que a experiencia consagrará ou modificará.

Na falta de poder dispor de uma artilharia organica nas unidades de infantaria, o regulamento sobre o emprego tactico das grandes unidades (p 28) diz: "o commandante da artilharia designa... eventualmente as secções das) que ficam inteiramente á disposição dos Cmts. de regimento. Aguardando um material especialmente destinado a esse fim, põe-se temporariamente (R. I. N.º 274: poder ter...) certos elementos de art. de Mth. — (R. I. n. 229) á disposição immediata da Inf., para realizar entre as duas armas uma ligação instantanea.

O chefe da fracção de artilharia destacada mantem-se perto do chefe da unidade de Inf. que elle apoia e recebe delle as ordens concernentes á sua missão e á zona das posições, enquanto sua tropa marcha na esteira da Inf., prompta a agir sem tardar contra todo orgão de fogo, desenfiado ou não, que impede ou atraza a marcha para frente.

Para cumprir esta missão, o que se pode esperar dos canhões de montanha (dorso) Schneider?

As propriedades que pedimos a um material de acompanhamento immediato podem ser classificadas, de uma maneira geral, em propriedades technicas e propriedades tacticas, sendo o conhecimento das primeiras indispensavel para bem utilizar as segundas.

Eis-nos assim levados a estudar as caracteristicas do 75 Schn. de Mth. no tiro a pequenas distancias.

1.º — o canhão pode utilizar todas as cobertas e realizar um angulo de queda sufficiente?

Noutros termos, a trajetoria dos projectis é sufficientemente curva para poder: na posição permittir um grande desenfiamento? Na sua chegada, attingir os defensores abrigados atrás de uma mascara ou penetrar sem recochegar num abrigo?

A questão é capital em seus dois pontos. Em principio é indiscutível que uma peça vista durante a execução do seu tiro, e, com mais forte razão, durante a ocupação de sua posição, é uma peça sacrificada que não terá mesmo tempo de cumprir a sua missão.

A missão não sendo se deixar matar, mas sim, matar o inimigo, preciso evitar ser visto; daí a necessidade de desenfiação o canhão. O 75 Schneider de Mth. emprega tres projectis; um delles sendo destinado ao tiro a grandes distancias, só nos occuparemos dos dois outros; granada explosiva que atira com uma velocidade inicial de 430 metros e o Shrapnell, de velocidade inicial de 330 metros.

O quadro abaixo dá uma idéa do desenfiamento que a peça poderá tomar sabendo que para um objectivo situado na mesma altitude da peça, o angulo de tiro deve exceder de 10 a 15 millesimos o angulo sobre o qual deve-se ver a mascara (nas distancias medias de tiro da a. a. I.). Por ex. para atirar a 2.000 metros com granada explosiva deve-se vêr a mascara sob um angulo de 59 m/m no maximo.

Distancia	Granada	Schrapnell
1.000	32	51
1.500	52	74
2.000	74	103
2.500	99	133

Pode-se concluir que o Schrapnell, que permite recuar mais, dá as maiores possibilidades de escapar aos tiros.

Vejamos agora o segundo ponto. Poderemos realizar um angulo de queda sufficiente?

Segunda parte da questão tão importante quanto a primeira: esta quanto ás possibilidades, aquella quanto aos resultados.

Os objectivos da a. a. I., metralhadoras, canhão 37, nucleos de resistencia poderão ser desenfiados ou protegidos: só se attingirá com arrebetamentos atrás da mascara ou com penetração dos projectis no tecto ou paredes de abrigo.

Neste ultimo caso, os ricochetes serão tanto mais a temer quanto maior a velocidade inicial, menor a distancia de tiro e mais íngreme os declives onde se desenfiar o objectivo. Segue-se que os cartuchos com fraca carga, isto é, dando uma fraca velocidade inicial, são vantajosos porque elles dão, a priori, um angulo de queda relativamente grande que permite bater os objectivos desenfiados e evitar os ricochetes.

O quadro seguinte resume a questão.

Quadro do valor do angulo de queda

Distancia	Gr. Expl. Vo. = 430	Shp. — Vo. = 330
1.000	2° 30 ou 44	3° 5 ou 55
1.500	3° 56 ou 60	4° 47 ou 85
2.000	5° 33 ou 99	6° 39 ou 119
2.500	7° 26 ou 132	8° 41 ou 153

Por elle vê-se que para bater um declive de 10 % p. expl. com granada E, é preciso collocar-se em posição a mais de 2.000 ms. do objectivo, distancia superior á distancia de tiro attribuida normalmente á a. a. S. (ver nota n. 1).

Com segurança poder-se-á empregar o Schrapnell? A vantagem é illusoria. O Schrapnell não substitue em todos os casos a granada. Elle só serve para atirar-se em tempo contra pessoal descoberto (e então o jogo do corrector sobre os declives é delicado). Contra o material e o pessoal abrigado, seu effeito é nullo.

Emfim, é preciso notar que os tiros ricochetaem no angulo da trajectoria com o terreno, se não é maior que 15°. Nas distancias de tiro da a. a. I, os projectis ricochetarão (sobretudo nos tiros sobre objectivos desenfiados) e reben-tarão no ar e os balins ou estilhaços não terão nenhuma efficacia sobre os defensores abrigados sob um tecto, mesmo pouco solido (ver nota n. 2).

Mas contra pessoal desenfiado sem estar abrigado, a efficacia é notavel.

Em resumo, o Schrapnell permite obter angulos de queda superiores aos que dá a granada explosiva, mas sua efficacia é muitas vezes (quase sempre) insufficiente; a granada explosiva imporá uma distancia de tiro bastante consideravel, sobretudo se se deve bater um objectivo mascarado ou coberto. Nesta questão de desenfiamento e de angulo de queda, deveria ser preferido o Schrapnell á granada explosiva se a potencia dos dois projectis fosse comparavel. As circumstancias decidirão da escolha a fazer. Mas é certo, comtudo, que, no mais das vezes, ellas exigirão que o canhão 75 Schneider Mth. recebendo uma missão de A. I. seja posto em bateria a 2.000 no minimo de seu objectivo, isto é, relativamente longe, atrás.

2.º — Potencia — O projectil de 75 Schn. Mth. é poderoso (735 gr. de trotyl para a granada explosiva, 252 balins no Schp.). Aumentar-se-ia a potencia do material armando-se a granada explosiva duma espoleta de duplo effeito o que permitiria regular a altura de arrebetamento da granada e realizar o seu tiro em tempo, muito efficaz contra defensores mascarados. O tiro a ricochete compensa em parte esta falta de espoleta especial.

3.º — Precisão — O material é bastante preciso para realizar as destruições que incumbem á a. a. I. ?

Do facto de não ter a a. a. I., á sua disposição immediata senão uma fraca quantidade de munição, segue-se que ella só deverá utilizá-la conscienciosamente, isto é, contra objectivos bem limitados e reduzidos.

Estes objectivos sendo situados com precisão, para que o resultado seja obtido, é necessario que o canhão seja preciso, e que á distancia de tiro normal da a. a. I., o desvio provavel seja fraco.

O objectivo typo: uma metralhadora não coberta, occupa com seu pessoal uma superficie de 4 metros quadradados aproximadamente. A zona dos estilhaços efficazes de uma granada estende-se apenas a 10 metros do ponto de queda.

E' necessario pois levar a granada a menos de 10 metros da metralhadora, suppondo conhecido o seu local. Isto quer dizer que o desvio provavel em alcance deverá ser no maximo de uma dezena de metros na distancia normal de tiro. O quadro seguinte dá o valor de alguns desvios provaveis.

Dist.	Schp.	G. Expl.	Observação
1.000	10,80	10,2	(a) Notemos de passagem que a precisão não diminui e obrigatoriamente á medida que a distancia aumenta.
1.500	11,90 (a)	11,4	
2.000	11,00	12,6	
2.500	11,20	13,9	

Vê-se que, se os dois projectis satisfazem aproximadamente as exigencias, o Schp. é ligeiramente mais preciso que a granada explosiva.

Um material especial de a. a. I. deveria ter, entretanto, uma zona de dispersão menor.

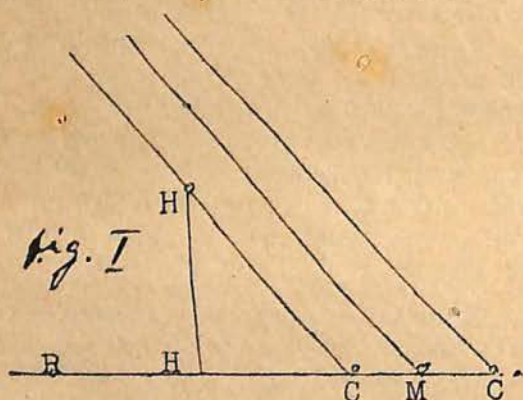
4.º — Alcance — A precisão está intimamente ligada ao alcance. Para ser preciso nas distancias de tiro de a. a. I., o material deve ter um alcance limite bem superior a estas distancias, como realmente tem.

O 75 Schn. de Mth. permite além disso largamente occupar uma posição atrás da zona das primeiras linhas de fogo.

5.º — Zona de segurança — E' ainda uma questão em que intervem a precisão do material.

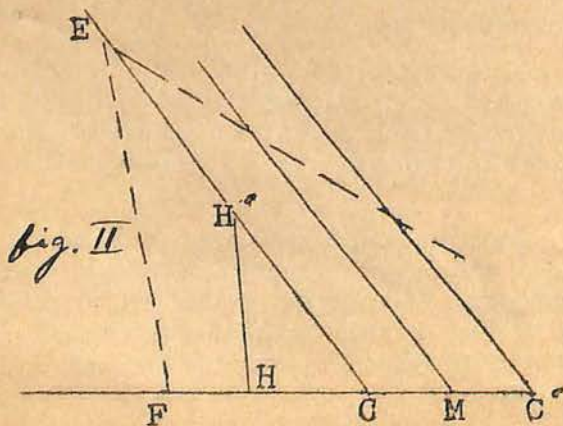
Mas ella não intervem só.

E' preciso, em terreno descoberto, que a tropa amiga se ache (caso do tiro percutente): 1.º) fóra da zona de dispersão C. C. (4 desvios provaveis de cada lado do ponto médio M), isto é, para uma distancia de 2.000: 50 ms. de cada lado de M. 2.º) a uma distancia C. R. do ponto de queda o mais curto correspondente á zona batida pelos estilhaços perigosos. (150 m). 3.º) a uma distancia de c. superior á distancia CH onde a trajectoria passa a uma altura HH' igual á altura de um homem. (Fig. I).



Se o tiro é em tempo, a segunda condição torna-se:

2.º) atrás do traço F do balim mais curto da gerba de arrebatamento E, este arrebatamento se produzindo no limite curto da dispersão do evento (para o Shrapnell a 2.000 metros = 175 mais ou menos). (Fig. II).



Nas distancias em que agirá a a. a. I. a distancia MR (ou MF) sendo sempre superior a MH é a unica que interessa.

Durante a execução de um tiro com Gr. Expl. a 2.000 metros p. ex. a Inf. não se deve aproximar além de 200 ms. (150 ms. para os estilhaços e 50 para a meia dispersão) do objectivo, o tiro estando regulado e assim mantido, sob pena de se arriscar a ser atingido pelos grandes estilhaços de um projectil curto da zona de dispersão.

Do que precede, resulta que o 75 Schn. de Mth. possui uma potencia e uma precisão sufficientes para executar tiros de a. I., e que um dos seus caracteristicos, desfavoravel, é a obrigação que se tem para o tiro com granada explosiva, o unico efficaz na maioria dos casos, de se occupar uma posição a uma grande distancia do objectivo 2.000 e 2.500 ms.

Resta estudar as propriedades tacticas do material; é dellas que decorrerão as condições de emprego.

As principaes características do 75 Sch. Mth., sendo conhecidas, trata-se de saber se uma unidade armada com este material poderá viver a mesma vida que a Inf. no combate, isto é, trata-se de determinar o emprego do canhão como canhão de a. a. I. levando em conta a sua facilidade de deslocamento e desenfiamento, suas vulnerabilidade e possibilidades de remuniciamento. Para facilitar a exposição da questão nós estudaremos chronologicamente a unidade de artilharia de a. I. desde o momento de sua formação ao momento em que ella terminou sua missão.

1.º — Constituição da unidade.

A Art. a. I., posta temporariamente á disposição da Inf., não tem uma constituição definitiva: pode tão bem ser uma bateria, com uma peça ou uma secção.

No entanto ella deve comprehender obrigatoriamente certos elementos.

Se admittirmos que uma peça deva dispôr de uma centena de tiro sem dever se remuniciar, esta peça comprehende:

- 2 graduados montados;
- 16 muares (7 na peça, 8 de munição e 1 de ferramentas, espoletas e accessorios);
- 16 conductores;
- 7 serventes,

em resumo: 18 animaes e 25 homens para dispor de: $12 \times 8 = 96$ tiros.

Uma bateria de tiro comprehende 4 peças. O effectivo total conta além disso com os officiaes, o pessoal de commando (cabo de tiro, clarins, os chefes de secção e suas montadas, o pessoal de reconhecimento e o pessoal telephonista (animaes e viaturas).

E' um enorme agrupamento de 131 homens e 96 animaes (ver nota n. 3).

Este conjunto, muito pesado para manobrar na zona de fogos da Inf. só dispõe de $96 \times 4 = 384$ tiros. E isso é só a Bia. de tiro. A Bia. de Mth. normal composta em T. C. que não deve ser levado junto da Inf. Ella possui igualmente um maior numero de cargueiros de munição.

Se se enviam 32 á Inf. o resto pode formar um escalão de primeiro remuniciamento.

(Não nos occupamos dos serviços e da administração: deve-se prever um certo numero de cozinheiros, especialistas e artifices; soccorros aos feridos devem ser organizados...).

A Bia. de a. I. deve ser bem rica em material de ligação e de commando.

Se dois destacamentos são constituídos simultaneamente, cada um delles deverá possuir elementos completos de reconhecimento, de commando, de ligação (ver nota n. 4).

Ella deve dispôr de um certo numero de cargueiros de muda. Com effeito se um canhão de companhia atrelado, pode ainda ser tirado depois de ter perdido duas parrelhas das tres que tem (e mesmo mais, se foram utilizados cavallos de graduados) uma peça de montanha privada de um cargueiro já não pode mais ser transportada.

Dai em diante deve ser puxada, perdendo assim em grande parte sua razão de ser e sua qualidade de artilharia transportada sobre dorso.

Como o arreamento dos muares se ajusta mal sobre os cavallos, uma bôa solução consiste em montar os quadros em muares. As montadas destes podem então substituir provisoriamente os cargueiros, seguindo os graduados a pé.

2.º — Marcha de aproximação.

Não cansemos de repetir que a art. transportada em dorso de cargueiros é excessivamente vulneravel na zona de combate da Inf. Se os homens se podem deitar, rastejar, (ao menos os que não conduzem cargueiros) estes devem manter-se em pé. Ora, são factos comprovados em experiencia que: 1.º) os animaes, que não tem tensão nervosa, são abatidos por ferimentos que não são mortaes; 2.º) um cargueiro manco ou rengo (bala ou estilhaço numa mão ou pé) é momentanea, mas instantaneamente, indisponivel.

Esta grande reunião de homens e animaes que formam uma bateria (ou mesmo uma peça) sendo vista por uma metralhadora, prevemos todos a sua sorte: nenhum muer, para não falar senão dos animaes, escapará. Um grupo de granadas que chegue, bem regulado, o valor combativo da unidade ficará por certo bem diminuido.

A marcha de aproximação deve pois ser invisivel para o inimigo e que a infantaria não pense jámais que a artilharia o faz por medo; é para melhor servi-la.

Eis a razão por que dissemos: o chefe da a. I. deve marchar junto ao commandante da infantaria, e não da sua tropa. Esta progride de coberta em coberta, em formações adaptadas ao terreno, por itinerarios que podem ser diferentes do que segue a infantaria e alongar consideravelmente o seu caminho e o tempo do percurso. Porque ella não tem, como a artilharia atrelada, o recurso de transportar, viatura por viatura, uma passagem perigosa: no mesmo tempo em que um canhão atrelado ou um carro de munição cheio de cartucho passam de uma unica vez, ligeiro, sem fatigar o pessoal, atraindo pouca attenção sobre si, um canhão conduzido em cargueiros passa em sete vezes, as munições passam por assim dizer, em pacotes de 12 tiros, os muares a trote e todo o pessoal em passo accellerado: exercicio perigoso e que não se pode repetir muitas vezes em seguida, sob pena de ter em pouco tempo homens e animaes estafados.

3.º — A posição de espera.

A unidade de a. I. caminha pois utilizando de melhor modo o terreno e as coberturas, sem occupar posição fóra de proposito, porque é inutil fatigar o pessoal e expô-lo ao tiro inimigo.

Faz a tracção do material emquanto o permittir o terreno e descarregam-se as caixas, para aliviar os muares, em cada parada.

O Cmt. da Bia. collocado junto ao Cmt. da Inf. sabe onde está sua unidade; ella não está demasiado longe, para que o tempo gasto pelo agente de ligação para alcançá-lo e para a Bia. mesma avançar até sua posição não seja consideravel.

Ella não está igualmente demasiado perto, para não ter que fazer meia volta para ir occupar a posição imposta pela missão, o que seria de um effeito moral desastroso. E' difficil, a priori fixar uma distancia, mas pode-se dizer que esta artilharia que deverá occupar posição a uns 2.000 metros ou 2.500 de seus objectivos, se achará em posição de espera a 2.500 ou 3.000 metros dos primeiros elementos de Inf.

Objectar-se-á com razão que esta distancia é demasiada para a a. a. I., ou bem o Cmt. de Bia. só poderá ter observatorios na zona em que a propria Inf. vê os órgãos de fogo que a detêm e que se trata de destruir — e por isso vem uma longa linha telephonica a instalar e uma longa espera imposta á Inf. (sem falar do tempo necessario ao Cap. para ir á posição e voltar ao observatorio) — ou bem o Cmt. da Bia., depois de ter reconhecido o objectivo em companhia da Inf., partirá para trás onde fica para procurar um P. O. proximo de sua posição. Elle arriscará neste caso de perder de vista seu objectivo e passar muito tempo a procurá-lo admittindo mesmo que o encontre e que vem a descobrir um local donde elle possa ver e regular o seu tiro.

Mas a razão essencial, a que impõe verdadeiramente essa distancia de tiro, é a tensão da trajectoria. Vimos que a 2.000 metros não se pode bater um declive de 10 % com G. Expl. A Bia. deverá pois obrigatoriamente ficar longe, contanto que lhe possa tocar uma missão exigindo um grande angulo de queda.

Voltemos ao nosso Cmt. de artilharia. Depois de ter achado sua posição e seu observatorio, ella manda procurar e buscar as peças por seu agente de ligação; feliz, nessa occasião, o cap. que instruiu bem os seus quadros!

Emquanto chega a Bia., o Cap. executa seu reconhecimento; se conhece bem sua função, no momento de occupação de posição elle já está no seu observatorio.

Se a turma telephonica é instruida, a ligação não tarda a ser estabelecida: nada de longas linhas; a Inf. está em situação difficil.

Entre o momento em que uma patrulha colhe uma informação e o em que o chefe do batalhão a recebe e pede um tiro ao seu artilheiro, passam-se talvez duas horas. Não se deve prolongar a ansiedade dos que se desesperam em um buraco sob o fogo de uma metralhadora...

4.º — Occupação da posição.

Eis o Cap. no seu posto de observação, perto da posição. O material chega; de modo algum deve ser visto na entrada em Bia. Se for preciso chega-se com os cargueiros isolados, arma-se o material atrás de uma cobertura, e depois se arrasta ou ergue a braços (ver nota n. 5). A escolha dos processos depende das circunstancias. Mas é preciso não ser visto antes de ter atirado, senão tem-se a destruição completa e certa sem proveito algum.

Os cargueiros das peças, os das munições e os H. L. P. são o mais possivel dissimulados e abrigados contra os tiros.

Preparação do tiro tão rapida e cuidadosa quanto possivel.

Remuniciamento ordenado antes do tiro.

Regulação, a mais rapida e economica possivel, e por fim um tiro de efficacia verdadeiramente productivo.

Se o infante está satisfeito, a missão está cumprida.

5.º — Missão (ver nota n. 6).

Qual foi pois a missão ?

Tal que, primeiro, seja possível cumprir. Isto quer dizer que o Cmt. da Inf. deixou aos seus artilheiros o tempo de chegar, de estabelecer sua linha telephonica e occupar sua posição que elle não pediu um tiro sobre um objectivo muito desenhado, de modo que a tensão da trajectoria permitta attingi-lo nem designou um objectivo visível apenas de um observatorio muito afastado das possíveis posições da bateria, nem pediu que ella arrebeantasse o tecto reforçado de um abrigo de metralhadora...

A missão foi exposta claramente: "E' preciso destruir aquella metralhadora ali atrás daquella moita verde".

E atrás daquella moita verde o artilheiro vai agir, e se a metralhadora ali se acha é provavel que ella se cale, definitivamente.

O Cmt. da Inf. deve se aperceber do consumo de munição que poderá exigir o tiro (o art. lhe dirá antes de começar) se não quizer expor-se sem utilidade não sómente a esvair seus cofres, o que nada é, mas a ficar sem projectis até o proximo remuniamento, o que pode ser grave.

Elle não pedirá o tiro sobre zona ao seu art. de a. I. e só lhe fixará obj. muito reduzido (uma frente superior a 50 metros por exep. e sem profundidade). O remuniamento é longo e difficil na zona de fogos da inf., e sua chegada é sempre incerta por causa da grande quantidade de cargueiros que exige e expõe (um cargueiro para 12 tiros). Emfim o Cmt. da inf. deixa ao seu artilheiro o cuidado e a responsabilidade da execução, sem o obrigar p. expl. a expor 4 peças quando uma secção ou uma peça bastaria ou seria menos vulneravel cumprindo igualmente a missão.

6.º — Desocupação de posição.

Como quer que seja, ou a missão foi cumprida ou está em vias de execução. Muitas vezes, para cumprir sua missão, o artilheiro não encontrou posição sufficientemente desenhada, e por isso a zona em que se acha a Bia. já está referida e seriamente batida.

Que fazer? — Antes de tudo, naturalmente, terminar completamente a missão (ai estamos para isso). — Depois, se o inimigo o permite, abandonar a posição, sem se mostrar (o que seria igualmente perigoso) e abrigar-se como antes do tiro. Se o tiro inimigo não permite, afastar e abrigar homens e os animaes, deixar o material e esperar a noite ou um periodo de calma para tirá-lo batê-lo? Com tudo, se a infantaria reclama auxilio de sua art. para uma nova e urgente necessidade, não ha que hesitar: tira-se o material por parte, a braço, arma-se, abrigando-se da melhor forma ou carrega-se, para utilizá-lo depois, embora seja para prestar ao infante apenas um conforto moral, aliás precioso.

7.º — Ligação com o Commando.

Se em uma divisão ha necessidade de destacar varias baterias de a. I., o valor da art. Div. diminue rapidamente. Em consequencia deste desmembramento excessivo, o Gen. da Divisão não pode mais contar com fortes concentrações de sua art.

E' necessario pois, que a a. I., esteja, de um instante para outro, em condições de ser chamada, ou bem avisada de que foi encarregada de uma nova missão durante a execução da qual não lhe incumbe o cuidado da sua infantaria.

Junto a quem, então, destacar esta artilharia de a. I. ?

— A primeira vista parece seria uma boa solução affectar uma secção ao batalhão, que é a unidade tactica da Inf. mas o Cmt. de Batl., por demais occupado com o combate e isolado não tem informações sufficientes para julgar da

situação geral. Fica-se exposto a que elle empregue prematuramente suas munições, revele cedo de mais seu fogo, ou, poupando avaramente o que elle chama "sua Artilharia", não consinta de bom grado, em se desfazer de algumas dezenas de projectis em favor de um Btl. vizinho parado pelo fogo inimigo.

E' preferivel dotar de uma Bia. inteira o Regimento de Inf.

O Cel. dispõe assim das secções que elle pode empregar judiciosamente, segundo as necessidades de seus batalhões, no correr do combate.

Conclusão.

A questão não é simples; menor não é a necessidade.

Empregar o canhão de 75 Shn. M. como canhão de a. I. não é o ideal; mas na falta de um material especializado (ver nota n. 7) elle pode prestar serviços, em certas condições:

- 1.º—o Cmt. da Bia. fica com o seu infante; bia. bem longe e atrás; bem ligado com ella.
- 2.º—não se occupa uma posição senão para executar um tiro já determinado e só com os canhões necessários;
- 3.º—é uma questão de vida ou de morte levar a Bia. sem que ella seja vista. Devem ser tomadas todas as precauções para que nada revele a chegada e a occupação (caminho abrigado, montagens do material á coberta, material levado a braço á posição...);
- 4.º—Estabelecer-se a vista para tiro directo será um suicidio. E' preciso sempre estabelecer uma linha posição-observatorio. Poder-se-á reduzi-la, nunca contar em poder supprimi-la.
- 5.º—Esta linha pode ser bastante longa, se a missão obriga a collocar os canhões longe para obter um angulo de queda importante;
- 6.º—Algum tempo se escoará entre o pedido do tiro pelo Cmt. do Btl. (e, com mais forte razão, pelos elementos avançados) e abertura de fogo (reconhecimento, estabelecimento de linha, precauções para a entrada em bateria...). Não exigir demasiada velocidade e comprometter o resultado por falta de precauções. Vale mais atirar um pouco tarde, mas atirar, do que só fazer demolir sem ser aberto o fogo.
- 7.º—A zona de segurança é da ordem de 150 — 200 metros (alcance 2.000 metros);
- 8.º—Levar nas caixas de munição granadas explosivas em grande proporção;
- 9.º—Ordenar um remuniamento correspondente ao consumo provavel antes da abertura do fogo.
- 10.º—Depois do tiro não se demorar: desaparecer vivamente sem se mostrar, esconder-se de novo e completar os cofres, se for o caso.

NOTAS

Nota n. 1 — Para melhorar as condições do emprego do material, pode-se experimentar o uso de discos: chapas de metal que aumentam a resistencia do projectil ao avanço no ar e diminuem a tensão da trajectoria.

Mas ellas melhoram sobretudo o angulo de queda e diminuem a precisão indispensavel á a. I. na execução dos tiros de destruição.

Nota n. 2 — Se os defensores não estão cobertos, a Gr. Expl. em tempo poderá ser muito efficaç. Deve-se armar a Gr. Expl. com uma espoleta de duplo effeito e estabelecer as tabellas de tiro correspondentes.

Nota n. 3 — Composição da Bia. de tiro de A. I.

	Commando	Peças	Reconhecimento	Telephonista	
Officiaes	4	—	—	—	
Sargentos	—	4	2	1	
Cabos	—	4	1 (de tiro)	1	
Soldados	—	28	—	8	
	—	64	(1 ferrador) (2 clarins)	1 (viatura) —	10
Cavallos	4	—	5	2 (para graduados)	
Muões	—	72	31	2 (viatura)	10
Total 131 homens e 96 animaes.					

A Bia. completa possui além disso um T. C. que comporta: 1.º o pessoal administrativo e os serviços, material, viveres, cozinheiros, artifices, etc.... 2.º um escalão de remuniciamento.

Nota n. 4 — Será difficil a uma bateria de a. I. dividir-se simultaneamente em mais de dois destacamentos. A instrução dos quadros não é sufficiente para que se possa confiar o posto de Cmt. de Bia. ou de Cmt. da linha de fogo a um sargento.

Nota n. 5 — O canhão 75 Schn. de Mth., pouco elevado acima do solo (linha de fogo a 1m,11 com eixo alto e 0,75 com eixo baixo) permite aproximar bem da crista. Para utilizar do melhor modo esta propriedade deve-se montar o material longe da posição, levá-lo a braços até seu logar, ficando o pessoal sempre agachado.

Dessa maneira poder-se-á atirar a pequena distancia ficando ao abrigo das balas. E' inutil dizer que esta posição será bem depressa revelada pelo seu tiro.

O Reg. prevê que o canhão de a. I. deverá destruir as Bias. proximas e os carros blindados (282). E' preciso não esquecer que a destruição de bias. mesmo proximas, exige uma quantidade de munição de que a a. a. I. não dispõe. Esta destruição incumbe as outras bias. para isso destinadas; quanto ao deter dos carros de combate, é uma missão que se não deve dar, a priori, a a. a. I. — Um tal tiro exige canhões atirando com grande velocidade inicial, projectis perfurantes armados de espoletas especiaes; canhões muitas vezes postos á vista directa, com antecedencia com este fim bem determinado e só devendo se revelar no momento da chegada dos carros.

Fica claro que a Artilharia de 75 Schn. de Mth. poderá, por acaso, deverá mesmo bater um carro e procurar detê-lo, attingindo-o em suas partes vulneraveis com os projectis que ella dispuser, isto é: lagartas e trem de rolamento. Mas, nem a destruição de Bias, nem a de carros de combate são sua missão normal.

Nota n. 7 — Não se pode affirmar que este material especialmente construido para A. A. I. será com motor de explosão, com o fim de torná-lo invulneravel aos gases aos quaes difficilmente resistem os animaes, mesmo munidos de mascaras. Pode-se, com effeito, prever o dia em que

um tiro de barragem com gases especiaes, interdictará o funcionamento dos motores de explosão numa certa zona, saturando o ar com um gás "amortecedor, extintor"... apagador.

Annexo n. 1 — Na guerra, nunca se é de mais rico em artilharia. Assim como a França utilizou, entre outros, seu material de Bango, aliás excellente, o Brasil poderá utilizar seus materiaes antigos.

E' particularmente interessante ver se o material Krupp de Mth. poderá servir como material de a. I.

Elle possui, para cumprir esse fim, varias vantagens:

- 1.º — O canhão é transportado por 4 cargueiros unicamente;
- 2.º — elle é leve (450 em Bias.; Schneider 350 kls.)
- 3.º — elle é muito baixo.
- 4.º — as cangalhas são intermutaveis.
- 5.º — um cargueiro de munição transporta 16 tiros.
- 6.º — mas sobretudo a velocidade inicial é baixa: a 1.300 metros o angulo de quèda é de 100 millesimos.

Inconvenientes:

- 1.º — consequencia de sua leveza, o 75 Krupp é pouco preciso para as missões de a. I. — a 2.000 metros o desvio provavel — 20 metros (Schneider igual 11 metros).
- 2.º — as munições não têm poder destruidor sufficiente (Gr. Expl. 88g. de ac. picrico).
- 3.º — emfim, no seu estado actual, o 75 Krupp é inutilizavel elle só atira com pontaria directa.

Ora, não se deve sonhar em se expor aos tiros dos engenhos automaticos do inimigo.

Para modificá-lo sem grande custo e torná-lo utilizavel será preciso:

a) — para a direcção: munir o canhão de uma alça com suporte onde se possa encaixar um Goniometro para pontaria em direcção pelo apontador;

b) — para o alcance: cavar na face superior da culatra dois entalhes para o nivel; o ang. de elevação seria dado pelo apontador em altura com auxilio de um nivel movel (o regulamento de exercicios na peça seria então modificado).

Precisaria ainda modificar as munições.

Tactica de Infantaria

Notas tomadas durante as conferencias realizadas na Escola de Estado Maior
pelo Professor de Tactica de Infantaria Ten. Cel. HUGUES.

2.ª CONFERENCIA

O ARMAMENTO DA INFANTARIA E O SEU FOGO

SUMMARIO:

- I — O Btl. de infantaria em 1914, 1916 e 1918.
- II — Transformação na organização da infantaria.
- III — As características geraes do armamento.
- IV — As características do fogo.
- V — As condições geraes de emprego do fogo.

O CONFERENCISTA relembra tres imagens da Guerra.

A primeira, o seu batalhão em Agosto de 1914, chegando ao campo de batalha de CHARLEROI, com a secção de 60 homens, a companhia de 250 e o batalhão 1000 homens, todos uniformemente armados de fuzil. Além disso uma secção de metralhadoras de 2 peças, meio mysteriosas e um mingaço T.C. de 11 viaturas (só uma de munição).

Depois de uma marcha de aproximação sem perdas, a sua secção vai fundir-se a uma linha de fogo que se encontra a 300 ms. de uma orla onde parece haver alguma coisa mas onde nada se vê. Essa linha, cuja densidade foi então aumentada, atira sem cessar. O tenente, na impossibilidade de fazer-se ouvir pelos homens, colloca-se á frente delles e só por esse meio energico consegue fazer cessar o fogo. Então, divide a linha em grupos de 25 homens com um chefe que os possa commandar a voz e os ver e tendo repartido o objectivo, commanda um tiro de 3 cartuchos, visando baixo. A fuzilaria recommença, alguns chefes morrem, o commando da longa linha se desagrega e só o processo de fogo por salva consegue restabelecer um pouco a ordem.

Isso mostra que a secção de 1914 era muito pesada e difficil de ser commandada sob o fogo; que se fragmentava em agrupamentos occasionaes, heterogeneos e densos; e que

o fogo, escapando quase sempre ao commando, tinha muitas vezes acção aleatoria. Mas tambem ficou demonstrado que os efeitos do fogo eram esmagadores quando este era solidamente commandado.

A segunda imagem é a do seu batalhão em Abril de 1916, voltando do SOMME, onde acabava de experimentar o fuzil metralhador. Elle perdeu toda a uniformidade tanto no fardamento como no armamento. A secção não é mais homogenea como em 1914 e tem menor effectivo. De suas duas meia secções, uma continua semelhante a de 1914 (fuzileiros-volteadores) mas a outra é constituida dos novos especialistas (fuzileiros metralhadores e granadeiros). Vêm-se aí as capas verdes dos F.M., as cartucheiras em meia lua dos municionadores, os boccaes V.B. dos granadeiros de fuzil e os mosquetões dos granadeiros lançadores. O Batalhão só tem 3 companhias de 180 homens e uma companhia de metralhadoras com 4 secções. Embora pareça assim mais aligeirado, é na realidade muito mais pesado, devido ao T.C. aumentado com as viaturas de munição dos F.M. das companhias e das secções de metralhadoras. Este T.C. é já bem maior do que o do batalhão de 1914.

A secção forma-se em linhas successivas — vagas de assalto — mas desde que se dá a abordagem, ella apresenta-se em grupos repartidos ao acaso pelos abrigos: aqui só granadeiros, lá só o F.M., acolá só os volteadores, sem que o F.M. possa apoiar com o seu fogo a progressão dos outros homens da secção. Dêsse modo esse batalhão utiliza mal na offensiva as possibilidades de fogo de seu armamento.

Tal é o batalhão da guerra de posição, guerra em que o ataque é na realidade um assalto linear dado a curta distancia. Entretanto, aí o F.M. já se manifesta uma arma poderosa e movel, arma por excellencia da offensiva, capaz de resolver por si só um incidente da progressão.

A terceira imagem é o batalhão de Junho de 1918, o batalhão da guerra

de movimento, da manobra, o batalhão da victoria. A secção continua a ser heterogenea, com duas meias secções semelhantes e tendo cada uma, uma esquadra de F.M. e uma esquadra de granadeiros volteadores. Esta meia secção constitue a cellula elementar de combate e de fogo. Em lugar de esperar que os grupos se formem ao acaso na linha de fogo, tomou o habito de organizá-los de antemão, em torno da arma automatica. Ella compreende dois F.M. e um certo numero de granadeiros volteadores (lançadores de granadas e atiradores de fuzil) podendo proteger quer uma ou outra das armas automaticas. Além disso possui três ou quadra lançadores de granadas de fuzil que lhe dão a possibilidade do tiro curvo.

Então, a noção da *linha* é substituida pela de *grupo* assim como a de *vaga* pela de *escalaço*.

Essa meia secção, assim constituida, era ainda muito pesada e vulneravel, mas as tentativas para melhorá-la continuaram e a actual organização da infantaria brasileira, resultante dessas tentativas constituem no estado presente do armamento um modelo de organização.

O batalhão tornou-se assim um todo heterogeneo, uma verdadeira musica militar, com instrumentos de fogo variados e grupados de tal maneira que seu chefe pôde delles tirar efeitos progressivos, desde o solo até a symphonia completa.

II — Se é verdade que a tactica se modifica com o armamento, ainda mais verdade é que a determinada tactica, á dada fórma de guerra deve corresponder um armamento determinado. Assim, por exemplo, na guerra de posição vimos surgir as armas de tiro curvo e pullular as de tiro rapido, lado a lado com a tactica e organização lineares, as unicas possiveis no assalto. Com a guerra de movimento as armas de tiro curvo passam para segundo plano, ha o escalonamento em profundidade das armas de tiro rapido, as formações tornam-se mais leves e aptas para a manobra.

Vejamos a influencia dessas transformações sobre a organização do batalhão de infantaria:

essencial da força da infantaria e no futuro seu papel tornar-se-á capital quando fôr distribuida a toda a in-

execução quase que exclusiva do combate pelo fogo.

Para compensar as difficuldades de transporte e de remuniciamento ha armas automaticas mais leves, menos poderosas mas mais numerosas (F.M. e Mtr. L.) e outras de grande potencia, embora com algumas servidões (Mtr. P.).

As armas collectivas que não pertencem á fileira correspondem á necessidade de reduzir as resistencias com os recursos proprios quando as armas da fileira se mostraram impotentes.

O canhão 37 é arma precisa e do combate individual, mas tem potencia modesta. O morteiro tem potencia maior, mas só produz resultado em tiro colectivo. Tanto este, arma do tiro curvo, como aquella a do tiro tenso, são escravos do remuniciamento e muito pouco moveis. O carro de combate é capaz de enfrentar corpo a corpo os obstaculos medios e as localidades, com impunidade relativa e agindo com a metralhadora, o canhão 37 e eventualmente pelo esmagamento. Seu papel consiste em levar o fogo, como encomenda em domicilio, de accordo com o endereço que lhe fornece a infantaria.

Mas nem sempre esses meios permitem á infantaria vencer as resistencias e ella, então, é obrigada a recorrer á artilharia. Por sua vez, a artilharia de apoio directo, devido ás difficuldades de ligação, nem sempre pôde prestar á infantaria o apoio necessario.

Para sanar esses inconvenientes, cuidou-se de dotar a infantaria com uma artilharia, capaz de apoiá-la justamente quando lhe é possível o auxilio da artilharia de apoio directo, e a esta artilharia deu-se o nome de artilharia de acompanhamento immediato.

Embora se tenha empregado nos exercicios o material de 75 como artilharia de acompanhamento immediato, isto constitue uma solução provisoria porque ainda se fazem pesquisas para conseguir material apropriado. O conferencista considera a artilharia de acompanhamento como armamento da infantaria.

Pode-se admittir que esta artilharia seja armada de um obus, se possível blindado, sobre lagarta, com alcance maximo de 3000 a 4000 metros e reunidos em bta. para cada regimento de infantaria. Esse material poderá aproximar-se bastante da infantaria, ficando a ligação muito facilitada e podendo intervir, rapidamente, desde que haja uma parte em posição emquanto a outra se desloca. Cada bta. deverá ter no minimo 6 obuzes.

	Effectivo	Peso da munição	T. C.	Prof. da columna de marcha com o T.C.	Peso medio da munição por homem	Peso de projectis que podem ser enviados durante um periodo de crise de 5 minutos
Btl. 1914	1000 h	10 T.	11 viat.	610 ms.	12 kg.	1170 kg
Btl. 1918	450 h	20 T.	22 viat.	900 ms.	44 kg	4200 kg

Metade do effectivo, dobro de munição transportada, quatro vezes mais de munição media por homem, no Btl. 1918.

Mas o reverso: consumo de munição 4 vezes maior, impedimenta duplicada (dobro de viaturas), profundidade aumentada de 1/3. O aumento da impedimenta é consideravel no regimento — dos 3300 ms. de profundidade de sua columna de marcha, 1600 ms. são occupados pelo T.C.

III — Vejamos agora as características dos engenhos de fogo da infantaria (precisão, alcance, potencia, mobilidade tactica).

Sob esse ponto de vista o armamento da infantaria pôde ser classificado em:

- I—Armas da fileira
- a) individuaes... {fuzil.
granadas de mão e de fuzil.
pistola.
 - b) collectivas.... {F. M.
Mtrs. L.
Mtrs. P.

- II—Armas que não pertencem á fileira (de acompanhamento) {Canhão 37.
Morteiro leve
Carro de combate.

a) As armas individuaes se caracterizam pela imprecisão de seu tiro, devida ao atirador, o que se procura reduzir com os atiradores de escôl, capazes de executar o tiro ajustado — o tiro para matar. O tiro individual ou colectivo escapa, nas occasiões mais necessarias ao commando. Comtudo a arma individual é, por excellencia, a arma do infante, para não dizer, da infantaria. Seu companheiro fiel, está sempre com elle e sempre prompta; leve e manejavel, não exige para dar resultados nem condições particulares do terreno, nem transmissões aleatorias, nem assistencia de vizinhos, nem escolta de remuniciadores. Continúa a ser e principalmente o fuzil, o elemento

A dotação do Exercito brasileiro em armas automaticas é bôa e permite realizar judicioso escalonamento em profundidade com os meios de fogo da infantaria.

Em graus variaveis no F.M., na Mtr. L. ou na Mtr. P., seu tiro se caracteriza por: precisão e velocidade conciliadas; mobilidade instantanea em grande horizonte; precisão do tiro independente do atirador (tiro amarrado); continuidade do fogo; grande potencia sem que se sacrifique o escalonamento em profundidade; fogo conduzido e sempre na mão do chefe. Por isso (potencia economica — poucos homens e pouco lugar) chamou a si a

IV — As características do fogo — O fogo da infantaria é implacável. Essa potencia do fogo resulta principalmente da forte dotação da infantaria em armas automaticas, o que

permite obter efeitos terriveis de surpresa e de concentração, realizar a continuidade de fogo com o tiro por cima das tropas amigas, conciliar a potencia com a rarefação em

largura e em profundidade do dispositivo de fogo e dar ao chefe a possibilidade de dirigir o seu fogo, fazendo-o instrumento de sua manobra.

QUADRO I

Repartição das munições da infantaria — (Valores aproximativos dados a titulo de exemplo)

UNIDADES	Cartuchos				Granadas			Petrechos		Car. pistola	Artilhos
	Fuzil	F. M.	Mtr.	Total	Mão	V. B.	Total	37	Stokes		
Cia.	Homens	13.680	20.700	34.380							
	V. M.	9.600	1.800	11.400	200	150	350				
	Total	23.280	22.500	45.780							
Btl.	4 Cias	93.120	90.000	183.120	800	600	1.400				
	Pel. Mtr. 3 Secs.			25.200							
	T.C.			69.120							
	Petrechos							144	128		
	T.C.	38.400	72.000	110.400	172	108	280	192	64		
	Total	131.520	162.000	293.520	972	708	1.680	336	192		
R.I.	3 Btls.	394.560	486.000	880.560	2.916	2.124	5.040	1.008	576		
	Cia. Mtr. P. 4 Secs.			43.200							
	T.C.			92.160							
	Total	394.560	486.000	880.560	2.916	2.124	5.040	1.008	576		
D.I.	4 R.I.	1.578.240	1.944.000	3.522.240	11.664	8.496	20.160	4.032	2.304		
	S.M.I.	150.000	400.000	550.000	3.000	2.000	5.000	650	1.200	20.000	2.000
	Total	1.728.240	2.344.000	4.072.240	14.664	10.496	25.160	4.682	3.504	20.000	2.000

NOTA — Os numeros acima não representam quantidades regulamentares e são dados somente a titulo de exemplo, de acordo com a regra seguida pelo Vademecum dos Principaes Serviços nos Corpos de Tropa e na Divisão; são algarismos aproximativos fornecidos com o unico fim de dar idéa das dotações normaes que se deve procurar obter.

QUADRO II

Dotação em munição das diferentes armas automaticas e petrechos da infantaria e duração dos tiros.

UNIDADE E MEIOS DE TRANSPORTE	NO ESCALÃO DO COMBATE		NO T.C. DAS UNIDADES		Duração total
	Dotação	Duração	Dotação	Duração	
I — Grupo de combate					
1.º) Munições conduzidas pelos homens do Grupo	1725	8',5 (200 tiros por min.)	150		15'
2.º) T.C. da Cia.			1500	7',5	
3.º) T.C. do Btl. (6 viaturas com cartuchos de F.M.)					
II — Pel. Mtr. L.					
1.º) No escalão de cargueiros:					
1.º) cargueiro das peças	600	14' (300 tiros por min.)	12000	40'	1 hora
2.º) cargueiros da munição	3600				
2.º) No T.C. (½ viatura de munição para 1 peça)					
III — Cia. Mtr. P.					
1.º) No escalão de cargueiros (3 carg. por peça)	5400	18' (300 tiros por min.)	12000	40'	1 hora
2.º) No T.C. (½ viatura de munição para 1 peça)					
IV — Sec. Stokes:					
1.º) No escalão de cargueiros (2 viaturas com 64 gs. cada)	128	7' (20 tiros por min.)	64	3'	10'
2.º) No T.C. (1 viatura com 64 gs.)					
V — Secção 37:					
1.º) Nos cofres	144	7' (20 tiros por min.)	192	10'	17'
2.º) No T.C. (uma viatura)					

NOTA — Mas não é só da forte dotação em armas automaticas que depende a potencia de fogo da infantaria. Também a munição disponível contribue para isso. Os dois quadros acima mostram que, apesar da grande massa de munição disponível em cada unidade, a capacidade de tiro das armas expressa em tempo é diminuta (15' para o F.M. do G.C., 1 hora para as Mtrs. L. e P., 10' para as Secs. de Stokes e 17' para as de 37). Uma primeira consequência resalta logo desses dados. É a importancia do remuniamento no combate, pois se faltar-lhes munição sufficiente, as armas automaticas serão somente cacetes nas mãos da infantaria e esta, por mais audaz e instruida que seja, terá que ceder terreno ao inimigo (Exemplo polonês na campanha contra os bolchevistas). Além disso, o sentimento dessas possibilidades de tiro das armas automaticas é indispensavel ao chefe quando este cuida de montar uma operação, em todos os escalões de commando. De facto, é indispensavel que compare os efeitos de neutralização esperados do fogo com as possibilidades de fogo das armas que resultam da quantidade disponível de suas munições. Como se verá mais adiante, é necessario considerar essas possibilidades todas as vezes em que se cogitar de neutralizar um órgão de fogo inimigo principalmente se a neutralização for preventiva.

Executado normalmente á vista, em tiro directo, o fogo da infantaria só é limitado pelas imposições do alcance útil e do terreno.

A configuração dêste ultimo tem grande influencia sobre a execução do tiro directo, dando lugar, em cada caso particular, a *compartimentos de fogo*, mais ou menos largos e profundos, perfeitamente definidos e cujo conhecimento constitue a base de todo o emprego judicioso do fogo de infantaria e cuja determinação rapida revela o golpe de vista do chefe desta arma.

O tiro indirecto illude em parte ás sujeições impostas pelo terreno; e sob esse ponto de vista precioso permite aproveitar todo o alcance das armas. Todavia é um paliativo accessorio e insufficiente porque os dados são incertos, os processos de execução grosseiros e os resultados problematicos.

V — Condições geraes de emprego do fogo — Não é facil realizar essa formidavel potencia de fogo da infantaria, ainda em via de crescimento.

A primeira difficuldade vem da diversidade de armas de propriedades muito differentes, das quaes se deve retirar o "fogo unico", em que cada arma produzirá não o rendimento ma-

ximo de que é capaz, e sim o rendimento optimo no instante considerado.

Para isso é preciso realizar a combinação dos fogos, acção do chefe, permittida graças á possibilidade que o armamento moderno permite de dirigir-se o fogo e traduzida por um "plano de fogo", obrigatorio tanto na offensiva como na defensiva.

Essa combinação, improvisada ou amadurecida, resulta de um certo numero de elementos fixos (propriedades balisticas de cada arma, propriedades tacticas — mobilidade — munição — effeito possivel de seu fogo, numero de armas e repartição organica) e de elementos variaveis (aptidão da tropa para utilizar as armas — gráu de instrucção — estado physico — estado moral, quantidade de munição disponivel objectivo do fogo — offensivo-defensivo, reacções do inimigo, e condições do terreno.

O estudo aprofundado dos compartimentos de fogo, das possibilidades ou impossibilidades que estes offerecem ao fogo amigo ou ao inimigo constitue a base do combate da infantaria, exigindo do chefe o senso do terreno.

A combinação que o chefe deve rea-

lizar será sempre subordinada ás seguintes regras:

- collocar cada arma na posição em que possa retirar do terreno o maior proveito possivel, de accordo com suas propriedades particulares;
- reunir as armas ou grupos de armas sob commando unico para facilitar a combinação;
- empregar, sempre que possivel, o fogo por concentração.

O plano de fogo deve preceder o dispositivo, porque este é uma consequencia daquelle. Só excepcionalmente, quando as circunstancias impõem um dispositivo, é que se dá o contrario. Mas mesmo assim, deve-se reagir e lembrar-se que no combate tudo é problema de fogo e que neste o essencial é saber onde e como é preciso applicar os projectis. Daí se vai então deduzir o modo de dispor as armas para atirar aquelles projectis, isto é, o dispositivo.

No combate defensivo em que o fogo é o argumento decisivo o plano de fogo traduz directamente a idéa de manobra do chefe.

No combate offensivo o mesmo se dá, embora elle se caracterize pela exploração dos resultados do fogo por meio do movimento.

Ainda opportuno...

Do
"Diario" de um tenente,
em 1921

NOVA lei de promoções em andamento na Câmara (em "paramento" é que se deveria dizer) contem algumas regras excellentes, que, se definitivamente adoptadas, magnificos frutos permittirão ao Exército. Sem ser revolucionario, é esse trabalho um grande passo que daremos para a frente, e, segundo observação trivialissima, para a frente é que se anda.

Pois nesses pontos, precisamente, a razão de ser da reforma, em ultima analyse, é que está sendo o projecto azedamente atacado. Curso de estado maior para o generalato, selecção para o primeiro posto, normas pre-estabelecidas para caracterização do merecimento, etc. — tudo isso são innovações desarrazoadas, "que podem dar resultado em todos os logares, mas, que aqui, neste país, só servirão para incrementar o afilhadismo e mais para nada".

O ideal para essa geste, que é a mesma que se arripiava á idéa de uma missão — porque sentia que, com a missão, um dia havia de chegar em que ou trabalharia ou teria de ir embora, o ideal é que tudo continue como dantes. Que general seja qualquer coronel; que official seja qualquer joven precisado de um emprego, e que tenha de qualquer geito, sabe Deus como, um curso de preparatorios — "abre-te Sésamo", pois o Exército deve ser um asylo da mo-

cidade desamparada; que, na liquidação do merecimento para as promoções, continue a imperar o benemerito methodo confuso, que tanta gente tem levado ao pinaculo; — que tudo se desenrole, pelos seculos adiante, como até agora, comtanto que a não tirem dos seus commodos, da sua doce instalação na vida. Efficiencia do Exército, interesses nacionaes? Tolices, meninadas!

O que não pode soffrer alteração, o que é importante, o que cumpre ser mantido a qualquer preço, é a sua situação actual, a sahir de casa ao meio-dia, sereno, calmamente almoçado, bem dormido, rumo da sua repartição, do seu tranquillo "bureau", ás cinco regressando ao lar, portador bemaventurado de um caixotinho de manteiga fresca, meio kilo de café, escandalosamente aromatico, e de um jornaleco que mette o pão nesses innovadores, que lhe querem perturbar a suave existencia.

Valha-nos, porém, que, os que assim pensam são minoria insignificante, e que a outra corrente, irresistivel caudal que tudo tem de vencida levado, acceita e quer todas essas innovações, maiores conseiras, maiores trabalhos, maiores encargos, sabe bem, mas bemdito encargos, bemdito trabalhos, bemdito conseiras.

Urge formar em cada novo cidadão que vai surgindo, desde a escola primaria, uma personalidade autonoma, consciente, capaz de ideal e de sacrificio pela collectividade. — JONATHAS SERRANO.

Tactica na carta

(Continuação do thema publicado no numero de Dezembro).

Pelo *Cap. Heitor Bustamante*

ARTILHARIA

ENTRE 18 e 19 horas a Ordem Preparatoria, na forma da decisão principal, é transmittida por telephonio aos Generaes Cmts. de vgs. (ou P. A.) e ao Q. G., e verbalmente ao Gen. Cmt. da A. D., ao Cmt. das U. Ae. e Cmt. do B. E., que estão no P. C. D. I.

A partir de 19 horas enquanto o Gen. aguarda a chegada do official de ligação do Ex. portador das ordens etc., o chefe do E. M. entra em ligação por telephonio com as 1.ª D. C. e 5.ª D. I., ás quaes dá parte das intenções do Cmt. da 1.ª D. I. sobre o ataque da manhã seguinte, unicamente do ponto de vista do que pode interessar particularmente a cada uma d'ellas; recebe em troca informações que interessam a 1.ª D. I., permutta e fixa idéas a respeito da cooperação entre os ataques da 1.ª D. I. e 1.ª D. C.

A RESERVA DIVISIONARIA

O Gen. Cmt. da 1.ª D. I. suppõe que os Verdes vão tomar a prioridade nas operações; mas, podendo acontecer ter também o inimigo decidido atacar, pode resultar a simultaneidade dos ataques ou o ataque inimigo em primeiro lugar, o que determinaria uma modificação integral na situação. Se a 1.ª D. I. inicia as operações, tem probabilidades de proseguir bem, pois está animada do bom espirito de offensiva; mas se o inimigo toma alguma dianteira no ataque póde acontecer que a 1.ª D. I. tenha de passar provisoriamente á defensiva, para assumir depois a contra-offensiva. Pode talvez surgir a necessidade de reforçar as vgs. na manhã de 22, mas esse reforço será feito a criterio do Gen. Cmt. da D. I. que vai articular a sua reserva em vista de certas possibilidades de emprego eventual.

Quaes são estas possibilidades? De que necessidades resultam?

De um lado da fragilidade do dispositivo no centro, isto é, na junção dos sub-sectores de P. A., de outro, da situação nos flancos, principalmente o flanco esq. onde se opera uma fraca ligação com a 5.ª D. I. e onde o terreno indica facilidades de progressão de um ataque que o inimigo queira desencadear. O que pode decidir então o Gen. ? Ter a sua reserva articulada ao amanhecer do seguinte modo: o 2.º R. I. na região de FAZ-FIGUEIRA, prompto a agir quer na direcção de FAZ. SANT'ANNA, quer eventualmente em cobertura do flanco esq. da D. I. no valle do RIB. FIGUEIRA; o grosso do 4.º R. I. (2 Btls.) na região do grande cõllo do planalto de POUSO ALEGRE DE CIMA, prompto a agir quer na direcção de FAZ. SANT'ANNA, quer em proveito do flanco direito da D. I.

Vimos que haverá dois agrupamentos de apoio directo, um de 3 Grs. de 75 para o grupo de ataque da 2.ª Bda., outro de 2 Grs. para o R. I. de ataque da 1.ª Bda; Cmts. dos agrupamentos, os Coroneis Cmts. dos R. A. M.

No que respeita a 1.ª Bda, pequena modificação na organização do agrupamento de estacionamento; o apoio directo estará apenas diminuido das 2 Bias de Mth. que passam á disposição do Gen. Cmt.; no que respeita a 2.ª Bda. o agrupamento do ataque será diminuido das 2 Bias de Mth., que igualmente ficam á disposição do Gen., mas será accrescido do 3.º Gr. do 2.º R. A. M.; este Gr. para cooperar desde o inicio do ataque terá de tomar posição, preparar e regular o seu tiro antes da hora H, o que parece perfeitamente possivel; aliás não é imprescindivel a cooperação d'este Gr. desde o inicio do ataque, porque este vai ser desencadeado em phases, e para o apoio da 1.ª phase já ha 2 Grs. em posição e promptos.

O acompanhamento do ataque será feito por CONCENTRAÇÕES SOBRE OBJECTIVOS SUCCESSIVOS, desencadeadas e levantadas a pedido da infantaria.

Embora o ataque seja de alcance limitado, maximo de 4 Kms. aproximadamente, é aconselhavel, no caso, affectar aos grupos de ataque uma art. de acomp. immediato.

O restante da art. da divisão 1 Gr. 75 e o R. A. P. podem constituir um agrupamento de conjunto sob o commando do Cmt. do R. A. P.

A missão geral deste agrupamento é de protecção dos ataques, a qual no caso pode comportar:

a) uma protecção aproximada, em reforço, complemento ou excedente daquella protecção que por si sós podem realizar os proprios agrupamentos de apoio directo;

b) a contra-Bia;

c) a acção contra os objectivos fugazes; a realização da interdicção em certas regiões taes como a de FIGUEIRA e a de FAZ. S. FRANCISCO DE PAULA poderia ser encarada, mas a meu vêr o agrupamento já tem muito que fazer além dessas interdicções.

A protecção aproximada dos ataques pode ser comprehendida do seguinte modo: inicialmente, nenhuma necessidade do lado exterior dos flancos da D. I. pois que os ataques vão ser ligados intimamente aos ataques da 1.ª D. C. e 5.ª D. I. e portanto estarão cobertos por estes; mas na frente do centro do dispositivo geral, isto é, na região da garupa a O. de FIGUEIRA e pequeno planalto e cõllo a S. E. de LUIZ PAIXÃO, de onde podem partir acções inimigas contra o flanco direito do dispositivo de ataque da 1.ª Bda. (que ataca o 1.º objectivo — FAZ.

BELLA VISTA e crista a O.) e contra o flanco esq. do dispositivo da 2.^a Bda. (que realiza a primeira parte da 1.^a phase), aí se torna necessaria a vigilância, com acção eventual, do agrupamento de conjunto, pois que a art. de apoio directo lá não pode actuar, empenhada como deve estar sobre os proprios objectivos do momento ou nas suas proximidades em protecção auxiliar; depois, quando a 1.^a Bda. passa ao ataque ao mamilão de FIGUEIRA, desligando-se por assim dizer da 5.^a D. I., e a 2.^a Bda. á realização da segunda parte da 1.^a phase (conquista do seu 2.^o objectivo), impõe-se da parte do agrupamento de conjunto não só a vigilância (com a acção eventual) nos flancos do ataque da 1.^a Bda., visto que o acompanhamento do ataque e uma certa protecção na frente devem por si sós absorver o respectivo agrupamento de apoio directo, como também a protecção sobre o 3.^o objectivo da 2.^a Bda. (imposta a priori) pois d'ahi podem partir acções inimigas principalmente de a. a. para prejudicar ou talvez impedir a posse do 2.^o objectivo; depois ainda, quando a 2.^a Bda. passa á 2.^a phase, conquista do 3.^o objectivo, a protecção torna-se necessaria não só á frente sobre a propria linha de resistencia do inimigo, muito proxima do objectivo, como também á direita, do lado da grande garupa N. de FAZ. NOVA LUSITANIA, isto é, no intervallo que deve agora existir entre a 1.^a D. C. e a 2.^a Bda., protecção essa que deve caber unicamente ao agrupamento de conjunto e que constituirá para elle uma tarefa difficil, pois que o apoio directo e as 2 Bias d eMth. devem então estar empenhados no proprio objectivo que apresenta frente muito extensa.

D'este ligeiro apanhado resalta a difficuldade de attender a todas as necessidades em frente tão extensa, portanto a insufficiencia da art.; mas far-se-á o que se puder, não é possivel nem conveniente desdobrá-la toda para attender com rigor a todos os imprevistos, mesmo porque nem tudo a respeito do inimigo se passará como é imaginado.

E' pois aconselhavel a constituição de 2 sub-agrupamentos:

um de 1 Gr. de 75 para o sub-sector da esq. (1.^a Bda.), onde elle se encarregará principalmente dos objectivos fugazes e da protecção eventual no valle do RIB. FIGUEIRA; outro, do R. A. P., para as seguintes missões: contra-bia em todo o sector da D. I. (Bias inimigas avançadas que difficultem a progressão, desde que sejam assinaladas); protecção no sub-sector da direita (2.^a Bda.) na frente do ataque, eventualmente na direita do sub-sector da esq. (toda esta protecção a cargo do 155 C); o 120 L encarregado especialmente da contra-bia no sub-sector da direita (2.^a Bda) poderá actuar eventualmente sobre certos objectivos fugazes importantes revelados nesse sub-sector.

O agrupamento deve procurar attingir as seguintes posições finaes para as quaes irá se transferindo por escalões mediante ordem do Cmt. da A. D.:

O Gr. de 75 na região de FAZ. BELLA VISTA; 1 Gr. 155 C na região de FAZ. SANT'ANNA; o restante na região do cruzamento O. de FAZ. SANT'ANNA.

CAVALLARIA (R. C. D.)

A 1.^a D. I. vai entrar num periodo de ataques successivos; o R. C. D. não tem potencia de fogo bastante para entrar num dispositivo de ataque de Inf., é um elemento difficil de reconstituir, recompletar, precioso numa D. I. nas missões adequadas ao seu emprego; não estará bem na frente, deve ser substituido de madrugada por um Btl. da 2.^a Bda. e virá repousar na região de FAZ. INDEPENDENCIA, a espera de missão opportuna. Mas a disposição de cada Gen. Cmt. de grupo de ataque deve ficar 1 pel. de C. para execução de missões restrictas principalmente de ligação.

U. AE. (ESQD.)

As necessidades para o dia 22 são:

1.^o — uma vigilância na frente da D. I., permanencia ao menos até a conquista dos objectivos definitivos;

2.^o — a regulação dos tiros da art. de conjunto, já que não ha observatorios que permitam uma boa regulação a vista;

3.^o — A obtenção (ou sua continuação) de informações minuciosas sobre a posição de resistencia do inimigo, o que corresponde a uma necessidade immediata da D. I.

Como o lance a fazer pela div. é restricto, a ligação entre a Inf. de 1.^a linha e o commando pode ser feita por fogueté, lançado pela Inf. ao attingir cada objectivo, o que evita pedir-se balizamentos por avião. Sendo muito amplo o sector da D. I., as necessidades da regulação do tiro da art. requerem a meu vêr uma especialização por sub-sector; isto, somado ás outras necessidades — de manutenção da vigilância na frente da D. I. e obtenção de photographias da zona em que se presume estar localizada a posição de resistencia do inimigo, determinaria um serviço que attingiria ou ultrapassaria as possibilidades da Esqd., cuja capacidade é bom calcular em 12 saidas de 3 horas (6 aparelhos disponiveis, 2 saidas cada), se fossem separadas no caso as missões de vigilância e regulação, como em principio se aconselha como missões distinctas. Um calculo ligeiro conduz entretanto a poder affirmar-se ser impossivel, no caso, separar as missões de vigilância e regulação e embora constitua isto um inconveniente, fica decidido que ellas serão reunidas numa mesma permanencia. Em consequencia haverá em permanencia desde a hora H dois aviões de art. que também desempenharão a função de vigilância; um estará em ligação com as antenas do Gr. 75 e de 1 Gr. 155 C, o outro em ligação com as antenas do 2.^o Gr. 155 C e do Gr. 120 L.; maximo de 8 saidas no total.

O reconhecimento photographico será feito tendo por base o seguinte eixo indicativo: mamilão ao sul de FAZ. S. CRUZ — triangulo de estradas do planalto central (N. O. de FAZ. MATTÃO) — estrangulamento ao sul do mamilão de FIGUEIRA. Escala de 1:10000; 2 saidas no maximo. Total das saidas: 10; disponibilidades: 2; pelo que não é conveniente pedir mais alguma cousa á Esqd.

Previsão do estabelecimento de um campo auxiliar no planalto de POUSO ALEGRE DE CIMA, se o terreno for favoravel.

ENGENHARIA

As secções de E. affectas desde 20 ás vgs. podem continuar a disposição dos Generaes Cmts. de Bdas. (Cmts. dos grupos de ataque).

Os grossos das Cias. Sp. Min. serão empregados desde ás 5 h. de 22 no melhoramento dos caminhos e estradas, da transversal de FAZ. INDEPENDENCIA para a frente, para facilitar os deslocamentos da art., dos TC. TE., etc.

O R. I. P.:

Um Btl. continúa no trabalho da estrada DOURADO — passo Jacutinga, mas deve fornecer desde a manhã de 22 uma ou duas Cias. para a melhoria do caminho passo JACUTINGA-FAZ. SANT'ANNA DA BÔA VIISTA;

outro Btl. será empregado: 1/2 na estrada passo JACUTINGA - FAZ. INDEPENDENCIA; 1/2 continúa a disposição da A. P.;

o 3.º Btl.: 1/2 trabalhará na pista ponte RIB. DO SERROTE - FAZ. SANT'ANNA DA BÔA VIISTA; 1/2 suppondo-se que tenha terminado o trabalho do terreno de DOURADO, fica disponível e marcha para FAZ. INDEPENDENCIA.

HORA DO ATAQUE

Fixada 7 horas pela Ordem Preparatoria do Ex. Ha a acrescentar as seguintes considerações relacionadas com o assumpto: uma preparação de art. frequentes vezes tem por fim facilitar, durante o dia, a collocação de um dispositivo de ataque na sua base de partida; no caso presente o Cmt. do Ex. determinou que não haveria preparação de art.; então é de toda a conveniencia que o nosso dispositivo de ataque esteja integralmente preparado desde o amanhecer, isto é, que seja ultimado ainda com o escuro; isto parece ser extremamente simples no caso, porque o aspecto geral do dispositivo de ataque é o do dispositiv de P. A. da vespera, com pequenas modificações, incluída a substituição do R. C. D. por 1 Btl. do 4.º R. I., e um ou outro deslocamento de reserva. Uma grande vantagem da ultimação do dispositivo com o escuro: o inimigo não perceberá os preparativos do ataque.

Não haverá sinal previo para o desencadeamento do ataque; á hora H. a Inf. de ataque deixará a base de partida rumo objectivos.

INDICAÇÕES DE Q. G. E P. C.

Q. G. D. I.: sem alteração;

P. C. D. I.: FAZ. INDEPENDENCIA;

P. C. avançado (P. O.): a partir da hora H na região do entroncamento a O. de FAZ. SANT'ANNA; a 2.ª Cia. Sp. Min. será incumbida de ai construir um abrigo ligeiro para o commando;

P. C. do Cmt. da 2.ª Bda.: inicialmente junto ao P. C. avançado da D. I.; seu deslocamento será regulado por ordem ulterior.

Eixo de deslocamento do P. C. do Cmt. da 1.ª Bda.: FAZ. FLORESTA - FAZ. BELLA VISTA.

LIGAÇÕES E TRANSMISSÕES

Meios de informação: nenhuma necessidade de official de ligação junto ás divisões vizinhas. Destacamentos de ligação da art. de apoio directo juntos á Inf. de ataque. P. O. da D. I.: já indicado; turma de espreita nas proximidades para o recolhimento das mensagens lastradas.

Meios de transmissão

Telephonia.

A Cia. de Trns. encarregar-se-á de garantir sempre o funcionamento do telephonio nos P. C. dos Generaes Cmts. de grupos de ataque, quando dos deslocamentos successivos d'esses P. C.

T. S. F.

Rêde do Ex.: ligação com o Ex. e divisões vizinhas pelo posto de grande alcance já installado em FAZ. INDEPENDENCIA.

Rêde da D. I.: funcionará a rêde de o. a.; 1 posto em FAZ. INDEPENDENCIA, 1 posto junto ao Gen. Cmt. da 1.ª Bda., 1 posto para servir o P. C. avançado da D. I. e o Gen. Cmt. da 2.ª Bda.

Optica.

A situação continúa a não ser muito favoravel ao estabelecimento da rêde optica; em todo o caso poderá haver uma ligação optica entre P. C. avançado D. I. e o P. C. do Gen. Cmt. da 1.ª Bda.

Não tendo chegado até ás 20 horas o official de ligação do Ex., portador das ordens e demais documentos endereçados ao Gen. Cmt. da 1.ª D. I., este a essa hora manda participar por telephonio o facto ao Gen. Cmt. do Ex. e determina a tiragem e a distribuição urgente da 1.ª Parte da Ordem Geral de Operações, para o ataque de 22.

2.ª PARTE DA ORDEM GERAL DE OPERAÇÕES

Estudo succinto; decisões para a confecção da Ordem.

Reabastecimento:

a) Viveres que a tropa terá de consumir a 22.

Até o presente momento, em virtude dos deslocamentos frequentes da divisão, o methodo adoptado na distribuição aos T. C. foi o methodo da distribuição para todo o dia seguinte; isto quer dizer que os T. C. tomavam contacto com os T. E. á tarde e d'elles recebiam os viveres e a carne para o almoço e jantar do dia seguinte. Agora a divisão vai entrar num periodo de ataques em que os deslocamentos ou progressos diarios podem não ser muito sensíveis, mas o que é conveniente é que os homens já tenham consigo todas as manhãs a ração fria do almoço, para que a consumam quando posam. Em consequencia o Cmt. da D. I. prescreve a mudança do methodo de distribuição a partir da

jornada de 22 inclusive, adoptado d'ahi por diante o methodo a cavalleiro, ou para dois dias. Sabemos que para passar de um methodo a outro basta ordenar o consumo de 1/2 ração de reserva. Então, a tropa consumirá como 1.^a refeição de 22 (correspondente ao almoço) 1/2 ração de reserva; e os viveres que os T. C. estão actualmente recebendo dos T. E. (estamos na noite de 21), serão viveres do dia para o jantar de 22 e almoço frio de 23;

b) Estação distribuidora: DOURADO. A 1.^a D. I. ai receberá 1 dia de viveres e forragem a partir de 9 horas de 22; para isso utilizará a secção 1 do ChA.D. que está vasia nos arredores da localidade.

Remuniciamento.

Nos 1.^o e 3.^o R. I. a munição dos homens e cargueiros deve estar desfalcada visto que os dois reg. empenharam-se no contacto; é também possível que a munição dos carros das Bias. dos Grs. de 75 de ap. directo e a munição das Bias. de Mth. estejam também desfalcadas; mas se pode suppôr que a munição dos T. C. da Inf. e das c. l. m. da art. esteja intacta. Não ha em consequencia razão de ser para um remuniciamento pelo Pq. A. D. durante a noite; mas nada obsta a que uma fracção do Pq. (algumas viaturas da S. M. I. e de uma das S. M. A.) seja mandada para a região sul de FAZ. INDEPENDENCIA para completar a munição desfalcada.

MATERIAL DE ENGENHARIA

O ataque da D. I. a 22 vai provavelmente collocá-la em face da posição de resistencia do inimi-

go; não é demais que sejam tomadas as precauções para resistir no lugar. O Pq. E. torna-se necessario na região de FAZ. SANT'ANNA, quando já tenham sido tomados todos os objectivos do ataque; então prescrever na ordem a execução do movimento; ponto de 1.^o destino região de FAZ. INDEPENDENCIA.

SV. SAUDE

G. P. D.

Posto central continúa em FAZ. INDEPENDENCIA. As fracções que acompanharam as vgs. a 21 serão postos de muda a 22; logo que tenham sido tomados todos os objectivos, estes postos de muda serão impulsionados: um para a região do cruzamento O. de FAZ. SANT'ANNA, outro para FAZ. BELLA VISTA.

C. E.: sem alteração; evacuação entre o posto central do G. P. D. e o centro de triagem do passo JACUTINGA e entre este e DOURADO.

Amb. 01 e Amb. Cg1 constituindo centro de triagem no passo JACUTINGA; o restante dos elementos em DOURADO.

Previsão: um novo centro de triagem a organizar em FAZ. INDEPENDENCIA, quando necessario. Portanto ordem para a aproximação de 1Amb.O e de 1Amb.Cg.

PRISIONEIROS

Reunião no P. C. em FAZ. INDEPENDENCIA. Evacuação para DOURADO.

A CABAM de surgir dois livrinhos mais para a estante do nosso corpo de officiaes.

Um delles é da lavra do Sr. Cap. F. Paula Cidade e se intitula "O Soldado de 1827". O autor é um nome festejado na nossa literatura militar. O seu ultimo trabalho mostranos em todos os aspectos o soldado com que Barbacena soube defender os

interesses da Patria no Passo do Rosario. Para compreender bem o insuccesso tactico de então cumpre ler essa obrinha.

Poderia o autor fornecer-nos também o mesmo estudo sobre o official da época da Independencia e do Rosário.

O outro trabalho é do 1.^o Ten. Olivio de Oliveira Bastos, subalterno conceituado e ardoroso do 6.^o R.A.M. O

livro traz o titulo "A preparação do Tiro de Artilharia" e em casos concretos estuda todo o mecanismo do tiro á luz da doutrina do nosso R.E.E.T.A., 3.^a parte. É uma obra interessante e util que vem da Provincia comprovar o nosso Renascimento militar e é mais um testemunho da esperança na nossa necessaria, urgente, fatal reorganização material.

Opiniões alheias sobre o Brasil

De um ex-addido militar Sul-Americano

PARA um país de recursos immensos em mineraes e materias primas de toda a classe como o Brasil, o problema da criação e desenvolvimento das industrias de material de guerra não offerece grandes difficuldades e depende principalmente dos recursos economicos de que póde dispor o governo para dar a amplitude e capacidade que as exigencias da guerra reclamam.

Dotado o Brasil de uma costa extensa e uma reduzida e hecterogenea esquadra, é indiscutivel que em caso de guerra exterior, batido no mar, bloqueado seu littoral, impossibilitado de receber do exterior recursos e material, a derrota terrestre seria questão de maior ou menor tempo, se se tem em conta, que os centros mais importantes da industria militar do país estão aglomerados nos arredores da capital e em condições de situação e distancia taes que se encontram de facto e materialmente debaixo do fogo dos canhões e hydro-aviões de uma esquadra senhora do Rio.

A historia do Imperio pôs em evidencia o valor que no desenvolvimento das campanhas de seus exercitos desempenhou a esquadra, não sómente no ponto de vista das operações que teve que effectuar para destruir a esquadra inimiga, mas também a missão importantissima que lhe coube realizar transportando ao theatro da guerra os elementos e tropas necessarias, impossiveis de serem enviadas por terra devido a falta dos meios de comunicação adequados através de 4.000 kilometros de distancia.

De então para cá, claro está, que as condições de transporte por terra variaram bastante, porém não é menos evidente que as exigencias de aprovisionamento dos exercitos modernos, sobretudo no que se refere a Artilharia, aumentaram em proporções, que não se encontram em relação com o desenvolvimento dos transportes nas zonas provaveis de operações.

Por conseguinte, o Brasil precisa de um desenvolvimento industrial tal que permita encontrar dentro do proprio país os materiaes e recursos necessarios para uma larga campanha sem pensar nos elementos que possam vir de fóra."

NOTAS SOBRE EDUCAÇÃO

No Rio Grande do Norte a educação foi o problema principal aos olhos do ultimo governo.

Chegou, faz pouco, ao Rio de Janeiro, procedente do Rio Grande do Norte, o dr. José Augusto que acaba de deixar o Governo daquelle Estado. Em entrevistas aos diários cariocas e num breve discurso pronunciado na Associação Brasileira de Educação, confessou o dr. José Augusto que nada mereceu de sua administração, mais carinho que o problema da educação de seus concidadãos. Realmente de um modo tão extraordinario se tem interessado o dr. José Augusto pelas questões de educação que ha tempos elle fundou no Rio de Janeiro uma interessantissima revista "A Educação", entregue á direcção do pranteado prof. Heitor Lyra da Silva. A acção dos educadores norte-rio-grandenses não se cingio apenas á instrucção primaria, mas a diversos ramos educativos como as escolas de ensino doméstico cujos resultados pratico já são notáveis.

Deve se ter senti'o feliz o ex-presidente de poder dizer ao povo que o elegeu, que elle abarçava o seu cargo deixando todas as sedes dos municipios norte-rio-grandenses ligados por boas estradas, em cada uma delias se ostentando um grupo escolar com professores escolhidos. Foi uma justa homenagem que prestou aos educadores desse Estado do Nordeste a indicação da Primeira Conferencia Nacional de Educação para que a segunda conferencia se realize na cidade de Natal; e quando os congressistas de todo o Brasil se reunirem no Rio Grande do Norte em 7 de setembro proximo, é certo que a obra formidavel de José Augusto já estará muito accrescida pelo novo presidente dr. Juvenal Lamartine.

Fundada em Itapetininga uma Seccão da A. B. E.

Fundou-se em 29 de dezembro p.p. na prospera cidade paulista de Itapetininga uma nova seccão da Associação Brasileira de Educação moldada nas mesmas normas do Departamento do Rio de Janeiro. Essa realização que se deve á iniciativa do prof. Deodato de Moraes, reúne os melhores elementos daquelle cidade.

A Instrucção Publica na Bahia

Durante a visita que fez á Associação Brasileira de Educação o dr. Jayme Junqueira Aires, director da Instrucção Primaria do Estado da Bahia, que acabou de representar este

Estado na Primeira Conferencia Nacional de Educação, o prof. Deodato de Moraes, inspector escolar do Districto Federal, teve oportunidade de salientar o grande desenvolvimento que está tomando o ensino na terra bahiana. Em 1923, apenas 23.000 crianças recebiam a instrucção official na Bahia. Actualmente, somente 4 annos decorridos, eleva-se a 78 mil o numero de alumnos matriculados nas escolas do Governo, representando uma despesa para o Estado de 8 mil contos. Agora um telegramma que a Agencia Brasileira acaba de remetter para os jornaes do Rio, informa mais que o Governo da Bahia, por proposta do director da Instrucção, localizou mais 70 escolas no interior do Estado.

Oxalá que o exemplo bahiano encontre a merecida repercursão nos outros Estados da União.

A Segunda Conferencia Nacional de Educação

Conforme foi acceito pela primeira conferencia nacional de educação reunida no Paraná em dezembro proximo passado, a segunda conferencia terá sede na capital do Estado do Rio Grande do Norte e se realizará em 7 de setaembro de 1928.

Foram as seguintes as theses officiaes indicadas para a segunda conferencia:

I — Educação politica, these votada na conferencia, de Curityba.

II — Educação sanitaria.

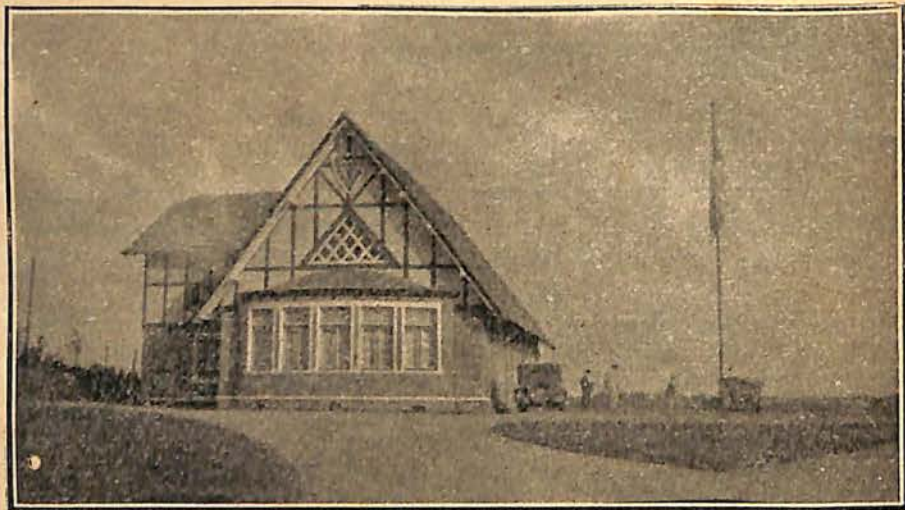
III — Educação agricola.

IV — Uniformização do ensino normal.

V — Organização do ensino secundario.

VI — Revisão dos compendios nacionaes de ensino primario.

VII — Educação domestica.



Curityba, o centro intellectual que todos conhecem, aprimora, a cada dia, os aspectos de sua vida mundana. Sociedade que progride, sociedade que trabalha com a intelligencia, tem a necessidade vital dos derivativos mundanos. O "Graciosa Country Club", da capital paranaense, ponto de reunião do escol curitybano, inaugurou parte da sua nova sede — o lindo pavilhão que a gravura reproduz, tão ajustado a um gremio que só pelo título, já nos transmite a idéa de graça, de chégo, de bom gosto, de elegancia sem pose. Com as novas dependencias projectadas, Curityba possuirá, no genero, umas das melhores installações do Brasil.

Congresso Pan-Americano de Ensino Secundario

Realizou-se neste mês de fevereiro em Pynapolis na Republica Oriental, um congresso pan-americano de ensino secundario. Foi representante do Governo Brasileiro é tambem da Associação Brasileira de Educação o prof. Fernando de Raja Gabaglia, do Collegio de Pedro II. Ainda são desconhecidos os resultados desse congresso.

A gloria de pensar

"O homem é apenas um caniço, o mais fraco da natureza, mas um caniço pensante. Um vapor, uma gota d'agua basta para mata-lo. Mas, quando o universo o esmagasse, o homem, ainda assim, seria mais nobre que aquillo que o matasse, porque sabe que morre, ao passo que o Universo nada sabe, da vantagem que tem sobre o homem". — Pascal.